

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio De Mesquita Filho”

Instituto de Artes - Campus São Paulo

LARISSA MONTEIRO GONÇALVES TOMAS

OBJETOS POÉTICOS EM CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS:

de mãos em mãos, novas ficções

SÃO PAULO

2022

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio De Mesquita Filho”
Instituto de Artes - Campus São Paulo

LARISSA MONTEIRO GONÇALVES TOMAS

**OBJETOS POÉTICOS EM CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS:
de mãos em mãos, novas ficções**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Artes,
Universidade Estadual Paulista “Júlio
De Mesquita Filho”, como parte dos
requisitos para a obtenção do grau de
Licenciado em Artes Visuais.
Orientadora: Profa. Dra. Rita Luciana
Berti Bredariolli

SÃO PAULO
2022

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

T655o	<p>Tomas, Larissa Monteiro Gonçalves, Objetos poéticos em contação de histórias : de mãos em mãos, novas ficções / Larissa Monteiro Gonçalves Tomas. - São Paulo, 2022. 84 f. : il. color.</p> <p>Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rita Luciana Berti Bredariolli Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes</p> <p>1. Arte de contar histórias. 2. Arte narrativa. 3. Arte e educação. 4. Histórias infanto-juvenis. I. Bredariolli, Rita Luciana Berti. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 808.543</p>
-------	---

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

LARISSA MONTEIRO GONÇALVES TOMAS

**OBJETOS POÉTICOS EM CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS:
de mãos em mãos, novas ficções**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciada em Artes Visuais.

Trabalho aprovado em: 23/11/2022

Banca Examinadora

Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli - Orientadora
Instituto de Artes da Unesp

Profa. Me. Patrícia Marchesoni Quilici



Dedico este trabalho:
às contadoras(es) de histórias que vieram antes e
mantiveram vivas preciosas sabedorias;
às companheiras(os) educadoras(es) que me inspiram e
me dão forças e esperanças de transformação, em
especial à Laurinha, pela parceria;
às crianças.



RESUMO

O presente trabalho apresenta o encontro entre uma jovem educadora e a contação de histórias. O intuito aqui é percorrer o trajeto até então trilhado na relação da educadora com o ato de narrar: abordando desde o primeiro contato com uma narrativa, o processo de assimilação, preparo, contação e repercussões; e fundamentada por algumas literaturas existentes sobre o tema, discorrer sobre o assunto revisitando tal trajeto e levantando considerações. Partindo do princípio de que vivenciar, partilhar e ouvir experiências são construtores de conhecimento, o desenvolvimento da pesquisa é norteado pelo entendimento de que este trabalho em si é uma história narrada. O texto, além de ser composto por uma contextualização de onde parte o que será compartilhado e por memórias e registros de vivências da autora, também trata de pensar as potências da contação de histórias, como ato pedagógico e artístico, na formação estética, identitária, social, emocional e cognitiva das crianças e da própria educadora que narra. No decorrer da narrativa, um recurso de apoio para a prática da contação se expande para além da sua função inicial, se tornando um desencadeador de vivências poéticas nas mãos das crianças e ganha destaque neste trabalho: recurso este que aqui se opta por nomear como objeto poético. Se descobre a força que as narrativas exercem sobre o imaginário e a função social da contação de histórias, de possibilitar o aprendizado de outras ficções, de refutar uma única ficção hegemônica e encorajar a invenção de novas.

Palavras-chave: Contação de histórias. Experiência. Narrativas. Infância. Objeto poético.

RESUMEN

El presente trabajo presenta el encuentro entre una joven educadora y la narración. Se pretende aquí seguir el camino recorrido hasta ahora en la relación del educador con el acto de narrar: transitar desde el primer contacto con un cuento, el proceso de asimilación, elaboración, narración y repercusiones; y fundamentado en algunas literaturas existentes sobre el tema, traer discusiones revisitando tal camino y planteando consideraciones. Asumiendo que vivir, compartir y escuchar experiencias construyen conocimiento, el desarrollo de la investigación se guía por la comprensión de que este trabajo es en sí mismo una historia narrada. El texto, además de estar compuesto por una contextualización de donde parte lo que se compartirá y por memorias y registros de las vivencias del autor, también trata de pensar el poder que la narración, como acto pedagógico y artístico, puede tener en la formación de los niños y del docente que narra. En el transcurso de la escritura de este trabajo, un recurso de apoyo a la práctica de la narración se expande más allá de su función inicial, convirtiéndose en disparador de experiencias poéticas en manos de los niños y gana protagonismo en esta obra: recurso que se elige aquí como objeto poético. Se descubre el poder que ejercen las narrativas sobre el imaginario y la función social de la narración, posibilitando el aprendizaje de otras ficciones, refutando una única ficción hegemónica y fomentando la invención de otras nuevas.

Palabras clave: Narración. Experiencia. Narrativas. Infancia. Objeto poético.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	O que tem na caixa	03
Figura 2	Objetos poéticos sendo ativados	12
Figura 3	Contaçon da história <i>Coca recoca que o mato me deu</i>	14
Figura 4	Objetos poéticos traçados	22
Figura 5	Caixa aberta, mãos a obra	26
Figura 6	Abrindo caixas, compartilhando descobertas	26
Figura 7	Oxumarê, arco-íris e cobra	27
Figura 8	Meia	28
Figura 9	Trançado	30
Figura 10	Encontrando o trançado que habitava dentro da meia	32
Figura 11	A meia já é arco-íris antes de ser ativada na contaçon da história de Oxumarê	33
Figuras 12 e 13	Jogue a trança, Rapunzell!	33
Figura 14	A cobra faminta devorando tudo	34
Figura 15	A cobra Oxumarê vira cobrinha, como na tradicional brincadeira de corda	35
Figura 16	A cobra brinca de cobrinha com as crianças	36
Figura 17	Sol, Lua e Rio Amazonas	37
Figura 18	Recontando a história A Origem do rio Amazonas	40
Figura 19	Guardando várias coisinhas no Sol e na Lua	41

Figura 20	Crianças explorando e compartilhando possibilidades com objetos poéticos	41
Figura 21	Criança manuseando em silêncio objetos poéticos	41
Figura 22	Crianças dispendo objetos sobre fundo de tecido compondo uma narrativa visual em conjunto	42
Figura 23	Guardando o mar na lua	43
Figura 24	A Anta, os bichos e o caminho da Anta	44
Figura 25	Contação da história O caminho da Anta	46
Figura 26	Brincando com os bichos, cabo de guerra e floresta sem fim	49
Figura 27	Crocodilo observa a lua sendo flechada	49
Figura 28	Nuvem sendo flechada	50
Figura 29	Experimentando encaixes e composições em silêncio	50
Figura 30	Deitando a anta na cabaça e a cobrindo com um retalho de tecido azul	50
Figura 31	Os bichos se agarram à flecha	51
Figura 32	Pilão	52
Figura 33	Potinho de tampa azul	52
Figura 34	Bonequinho passeando na floresta	53
Figura 35	O homem e a xícara de chá quente	53
Figura 36	Chapéu e fantasma e trabalho	54
Figura 37	Bebidinhas e poções mágicas	54
Figura 38	O momento antes do homem cair na xícara de chá quente	55

Figura 39	Frutos de Eucalipto	56
Figura 40	O banquete de comidinhas	57
Figura 41	Os pássaros que riram das formiguinhas	57
Figura 42	São insetos	58
Figura 43	Caixa de histórias aberta e seus objetos poéticos	66
Figuras 44 e 45	As duas mulheres e o céu, furos no manto azulado	81
Figuras 46 e 47	Odudua e a briga dos sete anéis, surgem as galáxias	81
Figuras 48 e 49	O caminho da Anta, aquela mancha esbranquiçada no céu	82
Figuras 50 e 51	A Samaumeira que escurecia o mundo, os buracos na copa	82
Figuras 52 e 53	A princesa tecelã e o vaqueiro, o rio celeste	83
Figuras 54 e 55	A estrada de estrelas, que vieram da fogueira	83
Figura 56	O que pode sair da caixa	84

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. CONTAR HISTÓRIAS NAS FRESTAS	13
3. MANUSEANDO A NARRATIVA	19
4. OBJETOS POÉTICOS EM FLUXO	23
4.1. “Eu to de barriga cheia, vou comer mais coisa”	28
4.1.1. A NATUREZA AMBÍGUA DE OXUMARÊ	28
4.1.2. A MEIA E O TRANÇADO	31
4.2. “Depois a gente pega o mar, vou guardar na lua”	38
4.2.1. A ORIGEM DO RIO AMAZONAS	38
4.2.2. A BOLINHA TRANSPARENTE E O TECIDO AZUL	39
4.3. O quadradinho no teto que é a anta e pode ser a nuvem também	45
4.3.1. TAPI'I'RAPE, O CAMINHO DA ANTA: Céu dos Aikewara	45
4.3.2. PALITOS, PREGADORES E ARGILA	47
4.4. Um pequeno pilão e um pote de tampa azul	52
4.4.1. NAS MÃOS DAS CRIANÇAS	52
4.5. Frutos de eucalipto	56
4.5.1. NAS MÃOS DAS CRIANÇAS	56
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	64
ANEXOS	66
A. Abrindo a caixa de histórias	66
Figura 43	66
Caixa de histórias aberta e seus objetos poéticos	66
B. O dia em que o arco-íris estancou a chuva	70
C. A origem do rio Solimões	72
D. Coca recoca que o mato me deu	73
E. Para nutrir e inspirar	77
F. Abrindo e fechando histórias	78
G. E uma estrela no céu brilhou	81

1. INTRODUÇÃO

**Abram as portas
abram as janelas
acendam as velas
pra iluminar.
Tindo lê lê
ilê, se faço assim
essa história já vai começar.
(OLIVEIRA, 2020)¹**

Este trabalho é fruto de diversas mãos, vozes e sementes. Presto meus agradecimentos aos educadores e educadoras que, generosamente, compartilharam comigo saberes e vivências; incluindo minha orientadora Profa Dra Rita Luciana Bredariolli pelas palavras de apoio, incentivo, inspiração e sabedoria e minha mãe, que me inspira a percorrer essa jornada da educação por caminhos a se descobrir e criar, sem nos limitar a rotas pré-definidas. Peço licença e saúdo os que vieram antes, os que mantiveram vivas memórias e sabedorias ancestrais e a longa corrente de contadores de histórias; incluindo minhas queridas avós.

Na linha do tempo, o narrador é uma figura milenar. Está ligado aos griots, como também aos contos de fada, às caravanas, às fábulas orientais, à curiosidade dos que esperavam por esses momentos de companhia, de contato com um mensageiro que lhes trazia novidades, que lhes descortinava o desconhecido e sobretudo que lhes alimentava o imaginário. (MIGUEL, 2017, p. 108)

Escrevo com o objetivo de contar uma história singela que carrega várias histórias dentro, relatos de experiência, alguns mitos e contos populares e registros de vivências com as crianças com quem convivo como educadora. Conto a história sobre minha experiência com contação de histórias, meu caminho de aprendizado trilhado até então, os recursos que encontrei, as pistas que me ofereceram, referências que escolhi seguir, tendo em vista que aprender a contar histórias é um exercício constante de eterno aprimoramento. Os objetos poéticos, que neste trabalho ganham um papel de protagonista, junto com as crianças, são instrumentos que encontrei neste caminhar e se mostraram muito potentes. Instrumento de

¹ : Escuto pela primeira vez essa canção pela voz de uma colega de trabalho, ao pesquisar, buscando a sua letra para relembrar, a encontro em uma entrevista de Mafuane Oliveira dada ao Museu da Pessoa. Porém a autoria da canção parece ser de Leandro Medina, tomei conhecimento disso em uma oficina com Mafuane, Mala de Letrinhas: Formação para Educadores - Narração de histórias na infância, oferecido pelo Sesc Carmo.

múltiplas funções: para conhecer a história a ser contada, é um ferramenta de assimilação e memorização, ao contar a história é recurso estético, e depois de terminada a contação é material interativo para as crianças brincarem e criarem.

Não tenho a intenção de ensinar a prática de contar histórias, nem propor um modo de fazer, apenas compartilhar minha prática, olhar e comentar ela com curiosidade e atenção. Não sou contadora de histórias profissional, como há por aí em instituições culturais, bibliotecas, hospitais, instituições de educação, espaços públicos, sou uma educadora que tomou como responsabilidade a atenção às narrativas contadas e as abraçou como grandes aliadas. Sou iniciante nessa prática milenar e potente. Mas as experiências e as trocas de experiências constroem conhecimento. Ofereço, com carinho, a minha, esperando que ressoe com o que há lá dentro de quem possa ler o que escrevo, e que, se fazendo sentido, levem um pouco daqui pro próprio caminho de aprendizagem com as narrativas e suas contações.

Dividi o trabalho em três capítulos: Contar histórias nas frestas; Manuseando a narrativa; e Objetos poéticos em fluxo. No primeiro, eu apresento o contexto de onde surgem os relatos que vou trazer, contexto esse que me leva a trabalhar com contações de histórias de boca na minha atuação como educadora de educação infantil. Ainda nesse capítulo inicial, falo sobre a relação da contação de histórias com a educação, a importância de se atentar ao poder que exercemos ao escolher as narrativas contadas e a responsabilidade e potência de diversificar as narrativas e suas origens.

No capítulo seguinte, percorro minha relação com as narrativas num momento anterior a contação, é sobre a preparação, a procura e escolha das histórias, o processo de conexão, assimilação, pesquisa e criação. Nesse capítulo introduzo os objetos poéticos, pois é nesse processo de manusear a narrativa, antes da contação, que eles surgem.

No terceiro capítulo, discorro sobre os objetos poéticos e seu papel na minha atuação, trazendo algumas considerações sobre seu uso em contação de histórias e em práticas pedagógicas. Divido ele em cinco subcapítulos, onde se encontram os relatos e registros de três contações de história e de interações dos objetos com diversas mãos.

Aprendi que é de extrema importância saber que por trás de uma fala existe uma voz, ativa, nada neutra, com intenções, atravessada por vivências, carregada

de bagagens. Assim é com as histórias, com as notícias, com as ciências, livros, imagens, artes. Que vozes escolhemos ouvir? Com essa importância em vista, me apresento, a voz que aqui escreve sou eu, Larissa, amparada pelas vozes das referências que embasam teoricamente este trabalho.

Larissa, educadora, arte-educadora, mulher cis e branca, bissexual. Lalá, criança que brincava com uma árvore mimosa e copiava desenhos das ilustrações de livros infantis. Ama batata, cozinhada de qualquer e todos os jeitos. Neta: de uma avó enérgica que anda rápido, que mata cobra e faz o melhor bolo de cenoura; de outra avó, pastora de ovelhas, costureira e comerciante, que tem pesadelos com lobos e sabe desbravar a cidade de São Paulo com o conhecimento de todos seus ônibus. Filha de mãe professora que me encantava com seus fazeres artísticos, tanto na sua pedagogia como na produção de materiais decorativos para escola.

Os relatos que durante este trabalho vou compartilhar aconteceram em uma escola particular, localizada em um bairro nobre da cidade de São Paulo. As crianças que por aqui vão aparecer, com identidades preservadas, têm entre quatro e cinco anos. As figuras que compõem o trabalho (fotografias dos objetos, das vivências com as crianças, de desenhos e também as ilustrações de minha autoria) são de meu arquivo pessoal e a maioria está legendada, as que estão sem legenda também constam na lista de figuras e são de 2022.

Figura 2



Objetos poéticos sendo ativados. (2022, Arquivo pessoal)

2. CONTAR HISTÓRIAS NAS FRESTAS

Não é que eu não tenha contado histórias de boca antes, mas é que nesse ano de 2022, eu e as contações de histórias, aprofundamos nossa relação e a escolha desse tema para meu trabalho de conclusão de curso a estreitou ainda mais. Não sei dizer muito bem quando e como começa essa relação, mas posso citar encontros inspiradores com educadoras e contadoras de histórias que me incentivaram a arriscar eu mesma ocupar o papel de contadora.

Ainda no começo de minha formação como educadora, em 2018, conheço Giselda Perê e seu projeto Agbalá conta, primeira vez que escuto alguém contar histórias de boca, era sem livro, não era teatro, não era como os causos e memórias que os mais velhos contavam, era diferente e me tocou de forma distinta e profunda. Foi aí também que descobri que existia essa profissão de contador de histórias.

Passou um tempo, 2020, eu era então educadora em um espaço em que me cederam tempo, espaço e escuta para ler livros para as crianças e também me incentivaram a contar histórias de boca. Conheci Cris Velasco por indicação da equipe com quem trabalhava. Suscitado o interesse, procura e oportunidade, descubro e participo de uma breve oficina ², online e gratuita com Simone Grande.

Em outras andanças e espaços tive a sorte de, presencialmente, cruzar caminhos com outras contadoras de histórias: acompanhei o trabalho de Vitória de perto, uma parceira de equipe, educadora que conta histórias; conheci Mafuane de Oliveira e seu Chaveiroeiro, contadora de histórias, educadora, pesquisadora, escritora e atriz; e a artista-educadora Flora Barcellos, que além de contar, brinca histórias.

Com contadores de histórias que fui conhecendo e acompanhando, principalmente pela internet por causa da acessibilidade facilitada, estudei, me inspirei, alimentei meu imaginário, diversifiquei olhares e ampliei meu repertório. E assim pude eu também me aproximar desta prática, do meu jeito, demorado e de mansinho. Compartilho, nos *Anexos* deste trabalho; redes e sites de contadores e projetos de contação de histórias fontes de grande aprendizagem, em *Para nutrir e inspirar*; e um acervo das histórias e suas principais referências, que compõem o meu repertório até então, em *Abrindo a caixa de histórias*.

² : Oficina: a palavra que conta, coordenada por Simone Grande, realizada pelo Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa, Poiesis e Oficinas Culturais, pelo Programa de Formação para o Interior.

Até que nesse ano de 2022, com o grupo de crianças que acompanho, encontrei na contação de histórias um momento de conexão com as crianças e com minha atuação como educadora. Sou auxiliar de classe na instituição onde trabalho, tendo este cargo suas atribuições, minha atuação ativa como educadora em momentos coletivos é mais limitada. Foi nas frestas, das rotinas e planejamentos, das transições de espaços e atividades, que descobri na contação de histórias muita potência, tanto para o encontro coletivo, quanto para minha formação e das crianças.

Figura 3



Contação da história *Coca recoca que o mato me deu*. (2022, Arquivo pessoal)

Percebi nas contações de histórias de boca uma postura diferente em mim e uma ambientação diferente na coletividade do grupo. Ao mediar histórias sem o livro, eu olhava mais nos olhos das crianças, usava os gestos, o corpo, os silêncios e as variações na voz. As crianças participavam mais ativamente e mais atentas, inclusive interagindo com a história no decorrer da contação com interesse, perguntas e comentários. Para Machado (2004), o contato entre professor e alunos, estabelecido pela contação de histórias, pode se tornar uma troca na dimensão de

imaginação para imaginação, considerando a narração viva uma prática que propicia o encontro entre pessoas.

Sem as ilustrações dos livros acompanhando as histórias, pude experimentar o poder das palavras de criar imagens particulares nas nossas mentes, inspirando criatividade em cada ouvinte e também na narradora. Pude ter a possibilidade preciosa de observar nos olhares, nas posturas e falas das crianças o envolvimento com as histórias, algo se movimentando e se transformando em seus mundos internos.

Do ponto de vista pedagógico, no trabalho com as crianças, acredito que o importante não é querer saber qual o efeito que os contos tradicionais exercem sobre cada criança, ou mesmo "querer produzir um tal efeito", e sim entender que para cada uma delas aquela história traz a oportunidade de organizar suas imagens internas em uma forma que faz sentido para ela naquele momento. É como se ela pudesse passear pelo reino das possibilidades de significar, reinventando para si mesma a sua história naquele momento. E esse passeio pode ensinar sobre a aventura humana no domínio do imaginário. É como se ela pudesse se instrumentar para um tipo de experiência interna familiar, mas que não pode ser explicada pelos modos habitualmente conhecidos. (MACHADO, 2004, p. 28)

Não tenho a intenção de comparar importâncias e potências entre contar histórias com livros ou de boca, apenas relato as diferenças que senti ao me aventurar nessa prática. Opto por contar, de boca, mitos e contos tradicionais e populares, pois já carregam consigo o aspecto da oralidade, enquanto as histórias criadas em livros carregam outras linguagens consigo, as ilustrações, a materialidade, a diagramação, que também comunicam e fazem parte da narrativa, se tornado mais desafiador transpassar para forma oral sendo fiel à história.

Para contar uma história eu me preparo, trato de conhecer a narrativa, assimilar o que ela me comunica e que sentimentos e memórias me despertam, memorizar, me conectar e conviver com ela num processo criativo, para aí sim poder transmiti-la. Passando por todo esse processo, quando estou a contar, estou falando com intenção, verdade e vivenciando a história. Consequentemente, sem deixar de ser fiel à sua sequência narrativa e respeitando sua origem, a história se transforma um pouquinho ao entrar em contato com minha bagagem, e eu me transformo ao me

permitir ser atravessada por seus saberes. Miguel (2017, p. 168) atribui ao educador que narra a qualidade de artesão:

É como as palavras fazem com o educadornarrador, fazendo com que ele seja o artesão que trança as experiências para que surja uma nova narrativa. E essa narrativa, ao ser lançada ao público, ganha novos pontos, novos nós, e assim se transforma outra vez – agora pela escuta e pelas experiências do ouvinte.

As primeiras contações com esse grupo de crianças foram as que já faziam parte do meu repertório e depois, as escolhas e procura de novas histórias foram sendo guiadas pelos interesses que as crianças demonstravam e pela relação com atividades e temas planejados e propostos pela professora. O grupo estava envolvido em um projeto sobre seres mitológicos e concomitante acontecia uma aproximação e conversas sobre contos de fadas, uma sequência didática fixa da escola para essa faixa etária.

As histórias e livros durante esse primeiro semestre de 2022 foram engolidos por essas temáticas. Os seres mitológicos, que as crianças conheciam, que apareciam nos livros da escola e nos trazidos pelas famílias e professora, eram os da mitologia grega e romana. Nos contos de fadas os contos europeus ocupavam todo o palco, no máximo, apareciam alguns livros de novas versões destes contos com ilustrações trazendo representatividade negra, de qualquer forma pairava a superioridade dos contos hipoteticamente mais fiéis aos originários. Aproveito, novamente, as frestas e a conexão que as contações de histórias conquistaram no grupo, para pensar e trazer narrativas de origens mais diversas. Machado (2004, p. 32) considera que na experiência compartilhada em uma contação de histórias “é possível exercer o espírito crítico para olhar com outros olhos para o nosso mundo de hoje, a nossa sociedade, a nossa cultura, e as nossas funções como cidadãos”.

Para Miguel (2017, p. 164), contar histórias pode “abrir fendas sonoras e imagéticas” e “anunciar uma realidade em contraposição à das grandes narrativas, especialmente as midiáticas”. Além das narrativas midiáticas com imagens estereotipadas que ocupam grande parte das nossas experiências no nosso mundo atual, essas grandes narrativas que também se faz necessário contrapor, são as contadas e reproduzidas pela norma dominante, patriarcal, hétero, cis e branca, que predominaram diante de um histórico de silenciamento. Trago as palavras de

Rodrigues (2020, p. 30), afirmando a existência e resistência de narrativas contra hegemônicas, apesar da tentativa de apagamento:

Foram ignoradas e propositalmente excluídas da historiografia oficial produções artísticas negras e indígenas, mas elas se tornaram ação de resistência cultural, atravessaram os séculos e permaneceram na memória até as gerações atuais, apesar de, para a grande maioria do meio acadêmico, artístico e educativo, esta ser uma história invisível.

Umas das crianças do grupo, de ascendência japonesa, levou um livro de contos japoneses para compartilhar com os colegas. Fizemos a leitura de um dos contos com o grupo todo e antes que a criança levasse o livro de volta para casa, anotei os outros contos para estudo posterior. Neste grupo há outras crianças descendentes de japoneses, que se comoveram com a história e ilustrações e fizeram comentários sobre suas famílias. Deste livro, escolhi duas histórias que depois de estudá-las contei para as crianças: *Urashima Tarô* e *A princesa tecelã e o vaqueiro*. Na primeira há um dragão, Ryujin, rei dos mares, que incluímos na nossa lista de seres mitológicos. Na segunda, percebi a recorrência de um tema nas histórias de meu repertório: estrelas.

As estrelas e suas aparições nas histórias que contava me fizeram buscar ainda mais em outras histórias de origens diferentes. Nas contações dessas histórias, frequentemente as crianças se lembravam de uma outra história com estrelas e comentavam. Eu aproveitei esses comentários para ressaltar as diferentes origens e localizá-las. Acredito na relevância social e política de se aprender que existem diferentes leituras sobre um mesmo tema, que existem conhecimentos importantes descobertos e transmitidos de diversas fontes. No *Anexo: E uma estrela no céu brilhou*, trago desenhos do meu processo de estudo das histórias com estrelas.

Como professoras e professores, ao nos inspirarmos nessa relação com a palavra podemos retomar o sentido do que é dito a nossas alunas e alunos, e retomar a fé em que o que dizemos tem força de mudança, de transformação. Não podemos nos omitir em relação a isso, não podemos nos ausentar de mais gerações de crianças se formando dentro do mito da democracia racial, acreditando que o racismo não existe e não interfere no futuro de milhões de brasileiras e brasileiros. Pois somos nós que formamos toda a base profissional deste país; somos

nós, em conjunto com toda a sociedade, que preservamos estruturas como o racismo. (RODRIGUES, 2020, p. 58)

A maioria das crianças, nessa escola em que atuo, são brancas. Os funcionários também têm a maioria branca, principalmente a equipe pedagógica. Entendo que para uma prática de educação antirracista realmente acontecer é necessário pensar e agir não apenas nos conteúdos e metodologias, mas também nas relações, possibilitar uma convivência ética de corpos e subjetividades diversas em que posições de poder não sejam ocupadas apenas por brancos. Melhor seria se essa diversidade de narrativas que me propus a levar para sala de aula fossem transmitidas por vozes diversas. Mas sendo este o contexto real desta escola, assim como na maioria das escolas particulares em bairros nobres, é essencial que educadores brancos encarem sua branquitude, entendam seu papel na preservação da estrutura racista na sociedade e assumam a responsabilidade de combatê-la. A partir de contação de histórias é possível combater no imaginário as narrativas hegemônicas normativas, para não reforçar a ideia de superioridade branca já latente nas subjetividades das crianças.

3. MANUSEANDO A NARRATIVA

Foi fazendo e tentando, me frustrando e continuando para conseguir me sentir mais confiante e a vontade contando uma história. Sou uma pessoa com muitas inseguranças e essa prática envolve vulnerabilidade, se permitir ser atravessada, transformada e entregar presença, um pouco de si.

Nas falhas fui encontrando maneiras de aprendizado com as narrativas que funcionam para mim. Me frustrei por não conseguir envolver as crianças, não conseguir terminar uma história, me perder com as interrupções e me incomodar com a monotonia da minha fala. Era falta de preparo. Falo de uma preparação que é encontrar formas (particulares) de se envolver com a história, criar conexões. Assim, ao contar, o exercício deixa de ser apenas repetição de algo memorizado, passando a ser um compartilhar de algo que parte de si, de algo percorrido, vivenciado.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu em um meio de artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, em um certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.
(MIGUEL, 2017, p. 112)

Chamo esse preparo de manuseio da narrativa. Manusear, deixar a história percorrer o corpo, mexer, remexer, respirar, imaginar, pesquisar, cheirar, olhar, sonhar. Neste capítulo vou contar mais desses meus processos antecedentes à contação.

Antes mesmo do primeiro contato vem a intenção, o objetivo, a procura e a escolha da história. O primeiro contato: pode ser ouvindo alguém contar ou a lendo uma literatura pautada na oralidade, deixando-se levar. Observo como imaginei a história, que imagens criei na mente durante esse contato, que julgamentos de valor brotaram, o que me marcou mais, observo como ela passou por mim e que marcas deixaram. Depois dessa primeira aproximação, as seguintes movimentações não tem ordem específica, varia a cada nova história que conheço e quero compartilhar.

Costumo pesquisar a origem da história e encontrar outras versões, outras fontes ou pessoas diferentes contando essa mesma história. Se sinto necessário faço também pesquisas paralelas de apoio: sobre a cultura de origem da narrativa, palavras que desconheço, objetos, paisagem, mais sobre personagens que existem para além daquela narrativa. Rodrigues (2020, p. 33) nos lembra a capacidade que um mito tem de “traduzir uma cultura e seus valores, auxiliar num mergulho ao novo mundo que se descortina” e de nos permitir “conhecer a lógica de um povo, sua ciência, sua arte, sua sabedoria”.

Para ser fiel à história e sua origem, principalmente quando se conta um conto de uma cultura a qual não se pertence, é importante uma mediação responsável: se informando; escolhas coerentes de instrumentos estéticos durante a contação; trazer na oralidade características culturais como hábitos, crenças, características físicas das personagens, costumes, objetos, paisagens, tipos de ornamentos, vestimentas, etc; para transmitir na contação um encontro com diversidades culturais é preciso que o contador tenha consciência da própria identidade e mantenha-se aberto a novas leituras de mundo. Não transformar a narrativa para caber na própria perspectiva, e sim deixar a narrativa transformar suas perspectivas, se deixando levar e buscando ampliar a mente com mais pesquisas.

Tendo uma referência principal escolhida, volto a ler ou ouvir com percepções renovadas, talvez mudando pré julgamentos baseados na minha leitura de mundo que pode ser diferente da perspectiva que a narrativa traz. Reparo, mais uma vez, como a história se criou na minha imaginação e as conexões que ela fez com minhas memórias e emoções.

Deixo ela um tempo de molho, passo uns dias deixando que ela habite em mim sem intencionalmente me comunicar com ela e acontece de surgir relações com o que vejo, faço, sonho e penso no meu dia a dia. Muitas vezes, é nessa parte do processo que tenho ideias de mediação para o momento da contação, como os objetos poéticos.

Com a história assentada em mim e ideias brotando, paro para estruturar a contação. Houve vezes em que reescrevi a história de memória, ou que desenhei partes da história e outras em que a partir da referência a dividi em partes e adicionei notas de adjetivos, características, descrições, sons. A criação dos objetos poéticos pode acontecer durante essa estruturação ou também no momento em que

a história fica de molho. No capítulo seguinte contarei o processo de criação de alguns deles.

Ensaio contar para mim mesma, para uma câmera ou para um espelho. Ensaio, deixo a história guiar meu ritmo, gestos, voz e manuseio dos objetos. O que ressoa e gosto vou agregando à contação, que se transforma um pouco, quanto à sua forma e não sua sequência narrativa, a cada vez que é contada e entra em contato com outras pessoas.

Planejo também como começar e encerrar a contação. Abro os momentos de contação com um ritual, podendo ser uma canção, um exercício lúdico de concentração, um gesto de estender um tapete, abrir uma caixa, acender uma vela, escolho por afinidade e procuro sempre dialogar com o que está por vir com a narrativa. A intenção com esse rito é fazer uma anunciação, um convite, uma passagem do que estava acontecendo para o que vai acontecer, preparar o ambiente e cada pessoa para sair do estado de ser corriqueiro e entrar na dimensão que a história nos leva, da imaginação. Existem diferentes formas de começar a contar uma história, "era uma vez", "Antigamente...", "Num reino distante", e diferentes formas de terminá-la, "Fim", "E viveram felizes para sempre". Esse começo e fim também planejo de acordo com a origem da história e minha intenção. Nos *Anexos* deste trabalho, em *Abrindo e fechando histórias*, compartilho alguns começos e fins que conheci por aí e fui guardando.

Olhar para trás, perceber e escrever sobre minhas experiências com a contação de histórias e sobre esse processo de preparo, põe em evidência a ideia de que o ato pedagógico tem em si aspectos poéticos e que a prática artística tem em si aspectos pedagógicos. A educação, a arte, a poesia e a pesquisa só existem separadas numa ficção que de tão disseminada se confunde com verdade absoluta. Falando nisso, um lembrete: Outras ficções existem, novas ficções são possíveis.

[...] mais do que uma técnica, acredito ser fundamental a minha percepção como um todo. A poeta como professora, a humana como poeta, a professora como humana. Elas me parecem a mesma.

Um escritor é, por definição, um professor. Ainda que eu nunca mais venha a dar outra aula, cada poema que escrevi é um esforço de compor um fragmento de verdade baseado em imagens da minha experiência e compartilhá-lo com o maior número de pessoas que possam me ouvir hoje ou no futuro. Dessa forma, todo

poema que escrevo é, além de tudo, uma ferramenta de aprendizagem. Existe algo a ser aprendido ao compartilhar um sentimento verdadeiro entre duas ou mais pessoas; comunicar é ensinar - tocar - realmente tocar outro ser humano é ensinar - escrever poemas de verdade é ensinar - cavar boas trincheiras é ensinar - viver é ensinar. (LORDE, 2020, p. 103-104)

Figura 4



Objetos poéticos traçados (2022, Arquivo pessoal)

4. OBJETOS POÉTICOS EM FLUXO

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 24)

Do comum e corriqueiro ao poético, de mãos em mãos os objetos são ativados ganhando novos significados além de seu aspecto utilitário. Nas minhas mãos o objeto poético é instrumento criativo de estudo e assimilação da narrativa e recurso estético de mediação na contação de histórias. Nas mãos das crianças, são recursos simbólicos em brincadeiras de faz de conta, recontos, criação de histórias e disparadores de compartilhamento e diálogo.

O exercício de criação, manuseio e preparo dos objetos poéticos pode ser visto como: um meio de travessia do contador para dentro da dimensão da história, um contato e aproximação anterior ao momento de contação; um modo de artesanaria que, atravessando o corpo, transporta aspectos da narrativa para o contador, que por sua vez deixa vestígios seus na história a ser contada.

É relevante considerar a coerência e diálogo entre os objetos e a história, eles servem como apoio e não devem sobressair à história nem fazer perder as suas características originárias. Também é preciso analisar a quantidade e qualidade visual desse recurso para que não caia num excesso de estímulos desviando a atenção das palavras e da narrativa.

Outro ponto a se ponderar é que tipo de imagens gostaríamos de ativar na imaginação dos ouvintes, reforçar imagens caricatas e estereotipadas que já inundam nossos sentidos no dia a dia ou incentivar a construção de imagens particulares em cada ouvinte, possibilitando novos olhares. Com o segundo objetivo citado em mente procurei criar objetos poéticos a partir de materiais inusitados, menos óbvios, para estimular e aguçar a percepção, proporcionando uma educação e apreciação estética.

Ressaltam-se suas qualidades expressivas, seu tamanho, sua cor, seu "clima", sua pulsação. Especialmente para as crianças, habituadas a receber uma enorme quantidade de informações visuais pelos meios de comunicação de todo tipo. Essa experiência é muito importante, porque traz o objeto com novo significado, na sua singularidade. E assim ele pode ser apreciado e visto com outros olhos, criando ressonâncias e acordando imagens internas, significativas para as crianças. Elas têm a oportunidade de se deter sobre aquele objeto, que passaria despercebido em outra circunstância, e assim percebê-lo na sua particularidade expressiva. Aprender a ler imagens e conversar com elas é um importante aspecto da educação estética. (MACHADO, 2004, p. 80)

Por praticidade no transporte e armazenamento, guardo os objetos poéticos dentro de caixas dentro de uma caixa de papelão um pouco maior que uma caixa de sapatos. Depois de cada contação de história, disponibilizo a caixa aberta com todos os objetos para as crianças brincarem. Algumas vezes também disponibilizei a caixa de histórias, é assim que a chamamos, mesmo em dias em que não houve uma contação, a pedido das crianças. Observei que os objetos estimularam, além de recontos e compartilhamento de histórias inventadas, brincadeiras de faz de conta entre as crianças. Aguçaram também a minha observação e escuta desses jogos simbólicos.

Nas mãos das crianças os objetos poéticos ganham novamente novos significados, se transformando a cada interação. Despertam a criatividade, a vontade de compartilhar e de se expressar. Durante a pesquisa e escrita deste trabalho, através de artigos de Andrea Hofstaetter, pude rever as experiências aqui relatadas ampliando meu olhar sobre o uso de objetos em atos pedagógicos e poéticos. Ela os nomeia como Objetos propositores poéticos. Hofstaetter (2021) os considera artefatos sensíveis criados com intuito de instigar ações, criações, compartilhamentos e diálogos, capazes de propiciar experiências que ganham sentido e possibilitam novas construções de conhecimento.

Arrisco dizer que a abertura da caixa de histórias, o manusear os objetos poéticos, as interações e diálogos entre eles, as crianças e o espaço, são exemplos de acontecimento da experiência que Bondia descreve na citação que abre este capítulo. Com as sensações e percepções aguçadas, nós, as crianças e eu, nos demoramos nas possibilidades de se relacionar com os objetos, nas formas de

vê-los, no compartilhamento e escuta de elaborações e criações. Nesses momentos, aquilo que está se movimentando internamente, atravessa nossos corpos e vêm para fora, para os gestos ou até mesmo para a voz e partilha com o coletivo.

O saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal.
[...] A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida.
(LARROSA BONDÍA, 2002, p. 27)

Com as contações de histórias e experiências com os objetos poéticos podemos oferecer novas possibilidades de ficções e novas leituras de mundo. Exercitar a capacidade de observar de diferentes perspectivas, aprender que não existe uma única narrativa indiscutível, praticar maneiras particulares de perceber e inventar novas narrativas, é uma forma potente de educação para a reflexão crítica e criatividade. Reforço a força do imaginário, citando Manoel de Barros (1996), “O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo”.

A seguir, e ao longo deste capítulo, compartilharei registros e relatos de experiências com as contações de histórias, criações e interações com os objetos poéticos, vividas com um grupo de crianças de uma escola particular em São Paulo no ano de 2022. As histórias e objetos que escolhi para partilhar a seguir foram selecionadas pela quantidade e qualidade dos registros recolhidos. Os títulos, que nomeiam os três primeiros subcapítulos que virão, são citações de falas das crianças que registrei durante essas experiências.

Compartilho o relato de três histórias e entrecortando essas narrativas insiro as participações das crianças durante a contação da história. Interrupções com comentários, perguntas e performances que considero positivas, revelando o envolvimento e participação ativa das crianças. Respondo essas interrupções de várias maneiras, com olhares, acenos de cabeça, expressões faciais, comentando e discorrendo sobre o que foi dito e muitas vezes com a expressão: *sim, você estava lá, né.*

Escolhi recontar de memória as histórias ao invés de apresentá-las, apenas nos anexos deste trabalho, na forma encontrada na fonte. Assim fiz pois quando conto uma história de boca, ela é muitas vezes o resultado de estudos em diversas fontes e escuta de diferentes pessoas contando a mesma história, além do que acrescento a partir de minha vivência no preparo da contação, é como dizem, *quem*

conta um conto aumenta um ponto. Nos *Anexos* encontram-se duas dessas histórias contadas pelos autores que foram a minha referência principal. A que não consta nos *Anexos*, conheci a partir de um vídeo, o qual é referenciado na seção de *Referências*.

Figura 5



Caixa aberta, mãos a obra. (2022, Arquivo pessoal)

Figura 6



Abrindo caixas, compartilhando descobertas. (2022, Arquivo pessoal)

**“Eu to de barriga cheia, vou comer
mais coisa”**



4.1. “Eu to de barriga cheia, vou comer mais coisa”



Figura 8 Meia (2022, Arquivo pessoal)

- Isso é uma meia?
- É Oxumarê! A história que vou contar agora é sobre ele.
- Mas, mas, quando não é isso, é, é, é... ((silêncio))
- Eu uso vários objetos diferentes, que se transformam para contar as histórias, né?
- É. Quando não é história, é uma meia!?
- Quando não está fazendo parte da história, é uma meia sim.
- E cadê o par?
- Eu perdi. Perdi antes dessa virar Oxumarê.

4.1.1. A NATUREZA AMBÍGUA DE OXUMARÊ

Essa história faz parte das histórias de Ifá, que foram trazidas ao Brasil pelos povos Iorubás, do continente africano. Apesar do tempo e contratempos, suas histórias resistem e vivem até hoje, assim como seus costumes e seus deuses e deusas, os orixás.

“Vocês sabem onde fica a África?” (Larissa)

“Eu sei, na floresta amazônica.”

Outra criança corrige e explica onde fica o continente africano.

Ifá, o adivinho, conhece todas as histórias, as histórias que estão acontecendo, as que vão acontecer e as histórias já acontecidas um dia. Ifá nos conta sobre a mais velha das mulheres, que vivia em tempos muito antigos, no continente africano. Essa mulher velha era sábia, bela e encantadora, seu nome é Nanã, uma deusa, que inclusive, ajudou Oxalá a criar a humanidade.

Mas quero contar mesmo é sobre Oxumarê, o filho de Nanã e irmão de Omulu. Oxumarê era ágil e inteligente, vestia roupas vistosas e coloridas de todas as cores, usava jóias luxuosas e acessórios formosos, era admirada por todos e invejada por muitos. O contraste das cores e brilho de seus enfeites com a cor escura de sua pele negra realçavam ainda mais sua beleza.

"Ele é bonito?"

"Sim, muito bonito. Seu irmão, Omulu, era feio, mas Oxumarê era belo, belo como o arco-íris." (Larissa)

Dizem que Oxumarê costuma aparecer às vezes como uma cobra e outras vezes como o próprio arco-íris no céu. Deixa eu contar como. Contam que teve uma vez que a chuva não parava de cair do céu, choveu por muito tempo, o tempo todo, trazendo muita destruição, imagine só, uma enxurrada, tudo alagado, encharcado.

"Os insetos afundam na lama."

"As plantas morrem."

"Mas se é chuva pouquinha, as plantas gostam."

Oxumarê sabia bem que não dava para continuar daquele jeito, já não gostava muito de chuva, em demasia então, já era demais. Levantou seu punho para o alto e com seu punhal de bronze cortou um arco no céu, ferindo e parando a chuva. Assim acontece sempre que chove além da conta, Oxumarê risca o céu estancando a chuva e deixando o sol brilhar novamente. Quando isso acontece, podemos ver Oxumarê enfeitando o céu em forma de arco-íris.

Falam por aí que é justamente por causa de sua incrível beleza que ele foi encarregado dessa missão pela sua

sábua mãe, Nanã: enfeitar o céu para que lá do alto todos pudessem ver e admirar sua formosura.

E acredita que foi por causa de sua beleza também que acabou sendo transformada em cobra? Xangô, rei de Oiô, encantado pelas cores do arco-íris planejou aprisionar Oxumarê para que ele e só ele pudesse admirar a beleza de Oxumarê quando bem quisesse.

Foi assim: o rei Trovão convidou Oxumarê em seu palácio e, quando ela entrou, os soldados fecharam todas as portas e janelas.

“O rei enganou ele então né?”

“Eu sei como ele escapou. Virou cobra e passou debaixo da porta.”

“Eu sei como ele se transformou em cobra. Assim ó: ‘sssss’.”

(Demonstrou com o corpo: encolhida sobre seus joelhos foi se esticando e esparramando no chão.)

Oxumarê ficou desesperada. Quem estancaria a Chuva, se permanecesse preso? Então ele implorou a Olorum ajuda. Olorum, o Senhor Supremo, ouviu e transformou ela numa cobra. A cobra então deslizou pelo chão e escapou pela fresta embaixo da porta.

Por isso Oxumarê vive no Céu e na Terra. É príncipe-serpente, o arco-Íris, a cobra. É ambíguo e misterioso. Temos medo e nojo quando vemos a cobra rastejar pelo chão, e nos encantamos com suas cores luxuosas em arco nas alturas.



Figura 9 Trançado (2022, Arquivo pessoal)

4.1.2. A MEIA E O TRANÇADO

Nos tempos em que a meia multicolorida ainda servia em meu pequeno pé, ela tinha um par. Mas nos caminhos do tempo e dos passeios percorridos por aí, além das idas e vindas da máquina de lavar pra gaveta, um pé de meia do par se perdeu.

Querendo, um dia, me enfeitar com meias bonitas, lembrei da minha antiga e querida meia multicolorida, descobri o triste fato do desaparecimento e como se não bastasse, descobri também que não entrava mais em meu grande pé.

O dia dessas descobertas foi perto do dia em que comecei a estudar uma história de Oxumarê. E comecei esse estudo porque queria fazer uma brincadeira com as crianças que envolvia este Orixá. Mas já conto mais da brincadeira, deixa eu voltar pro dia das descobertas. A meia sem par e pequena demais pro meu pé gerou um estalo na minha cabeça e uma ideia: ela é a capa de Oxumarê, ela é o arco-íris e, nossa, se eu fizer assim, dar um pouco de enchimento, vira um boneco de capa.

Agora volto a contar mais da brincadeira. Eis a canção da brincadeira:

Chora Oxumaré, não chora
 Ele chora porque perdeu seu anel
 O anel entrou na roda
 Ele passa de mão em mão
 Ele vai, ele vem
 Por aqui não passou
 Onde foi que o anel parou?

Essa cantiga foi adaptada por Flora Barcellos, da cantiga tradicional, *Chora mané, não chora*, mas que aprendi com uma colega de trabalho em 2021. Pois bem, para brincar, precisamos de um anel que passa por um cordão amarrado formando um círculo. Em roda passamos o anel de mão em mão, no ritmo da canção, quando ela acaba paramos de passar e o jogador que está no centro da roda deve adivinhar onde foi parar o anel.

Enquanto preparava o cordão para fazer a brincadeira foi que surgiu o trançado multicolorido. Queria fazer um cordão bonito e trançei alguns fios de malha, mas aí ficou muito grosso e o arco, que seria o anel, grande demais para esconder nas mãos de crianças. Então pra brincadeira usei só barbante e um anel de plástico mesmo. O trançado, que não podia mais ser cordão, nasceu cobra então. O trançado multicolorido, que fica habitando o interior da meia multicolorida, também

serve como enchimento para nosso boneco Oxumarê: a meia, o príncipe, o arco-íris, o trançado, a cobra.

Me surpreendi com o nascimento desses dois objetos poéticos, pois eles me encontraram de certa forma. A maioria eu busco, experimento, troco, repenso, reencontro, transformo, e eles nascem de processos mais longos e de mais procura.

Outro ponto interessante de notar é a própria aparência ambígua do objeto-personagem, assim como a natureza ambígua do orixá Oxumarê. Um boneco andrógino. A narrativa visual acompanhando a narrativa oral: alternância entre "ela" e "ele". A cobra, o filho, o arco-íris. Com seu punho pro alto e seu punhal, risca o céu e estanca a chuva, performando força e virilidade. Se enfeita, se embeleza, performando formosura, vaidade e elegância.

As crianças conheceram e brincaram com a meia e o trançado multicolorido, antes de eu contar *A natureza ambígua de Oxumarê*, em momentos pós história, em que abrimos a caixa de histórias para brincar. As próximas quatro figuras (Figura 10 a 13), são registros de momentos de interação das crianças com esses objetos antes deles serem ativados na contação dessa história .

Uma criança descobre que algo está guardado dentro da meia e empolgada enfia a mão para alcançar algo, a meia sobe até quase alcançar seu cotovelo, consegue sentir algo, segura e começa a puxar, a pontinha do trançado aparece, mas não é suficiente, ela puxa, puxa, puxa, passa a puxar mais rápido, até que aquilo sai por completo, ela sorri.

Figura 10



Encontrando o trançado que habitava dentro da meia. (2022, Arquivo pessoal)

Vejo uma criança brincando com vários objetos poéticos, ela pega a meia, estica, observa com atenção e volta a apoiar na mesa. Pergunto o que é aquilo, apontando para meia, ela me responde, esticando a meia no alto e olhando pra cima, "é o arco-íris!".

Figura 11



A meia já é arco-íris antes de ser ativada na contação da história de Oxumarê. (2022, Arquivo pessoal)

Não sei dizer quando ou quem foi que transformou o trançado multicolorido na trança da Rapunzel. Mas fato é que nesse papel ele permaneceu por muito tempo e em muitas mãos e cabeças diferentes. "Amarra pra mim aqui?", "Jogue sua trança Rapunzel!", "Vamos brincar de Rapunzel? Eu subo ali e você é o príncipe."

Figura 12 e 13



Jogue a trança, Rapunzel! (2022, Arquivo pessoal)

Eis que um dia conto a história *A natureza ambígua de Oxumarê* usando os objetos. Os registros e relatos que agora compartilho são de situações de interação com a meia e trançado, depois dessa contação, mas não no mesmo dia.

Ao meu lado, uma criança brinca com a meia e vai colocando coisas dentro dela, às vezes comunicando a narrativa criada. Não sei dizer se suas palavras são para mim, para si mesmo, ou para outras crianças ali perto, que estão concentradas nas suas próprias explorações:

“Eu to de barriga cheia, vou comer mais coisa.
É uma cobra. Ele vai comer o rio. Ele quer ficar todo cheio...
Ela tá ficando bem cheia.
Isso daqui é uma serpente que engole tudo.”

Figura 14



A cobra faminta devorando tudo. (2022, Arquivo pessoal)

A era da trança da Rapunzel passou e então começou a era da cobrinha. O trançado se transformou em cobra. Passou dias e por muitas mãos e pés brincando de cobrinha com as crianças, aquela brincadeira de corda em que a corda se movimenta enquanto os jogadores têm que passar pulando de um lado para outro sem encostar na corda.

Figura 15



A cobra Oxumarê vira cobrinha, como na tradicional brincadeira de corda.
(2022, Arquivo pessoal)

Figura 16



A cobra brinca de cobrinha com as crianças. Fotografia com ilustração digital.
(2022, Arquivo pessoal)

**“Depois a gente pega o mar,
vou guardar na lua”**



4.2. “Depois a gente pega o mar, vou guardar na lua”

4.2.1. A ORIGEM DO RIO AMAZONAS

Essa história, pelo que pesquisei, é de origem Guarani, eu a conheci através de uma contadora de histórias, Simone Grande, a encontrei também num livro chamado *Literatura oral para a infância e a juventude: lendas, contos e fábulas populares no Brasil*³ e em dois sambas-enredo.

A história conta que há muito tempo atrás, a Lua e o Sol eram noivos, mas não podiam se casar senão o mundo seria destruído.

“Mas o sol também ama outra, outra, outra, outra...
((inaudível)) Ele ama a chuva.”
“Uau! Que legal! Sabia que eu conheço outra história, de outro povo indígena, em que Lua é ‘o’ Lua e tem outro amor também: Vênus.” (Larissa)

O Sol queimaria o mundo, e a Lua, inundaria a Terra. As águas da Lua apagariam o fogo do Sol. O calor do Sol evaporaria as águas da Lua.

“A água apaga o fogo.”
“O fogo faz o gelo derreter mais rápido.”

Então tiveram que se separar, a Lua para um lado e o Sol para o outro. Separaram-se, Sol habita o dia, Lua habita a noite. A Lua chorou por muito tempo.

“O sol chorou também?”
“Sim, muito! Mas seu calor fazia as lágrimas evaporarem. Enquanto as lágrimas da lua, caíram como enxurrada na terra.” (Larissa)
“A lua ficou sem água?”

³ : (LISBOA, 2020)

Suas lágrimas ao caírem por cima da terra, percorreram caminhos até o Mar, que embravecido não deixou que as lágrimas doces da Lua se misturassem com sua água salgada. Assim as lágrimas da Lua deram origem a um rio: o Rio Amazonas.

“Eu já vi a lua de dia.”
 “Eu também! Sabe o que é? A Lua às vezes dá um jeito de dar uma escapulida para visitar o Sol” (Larissa)
 “Meus pais são separados. Dá para perceber né?”

4.2.2. A BOLINHA TRANSPARENTE E O TECIDO AZUL

Num lugar muito distante...

Pra quem tá longe da América Latina, nem tão distante pra quem tá no Brasil e bem perto pra quem tá em São Paulo... Existia uma bolinha transparente, daquelas de árvore de natal. Ser transparente já é bem legal, mas mais legal ainda é que ela podia abrir e fechar, imagina só: dá pra guardar coisas dentro. Ela estava guardada, porque não era natal.

Vou te contar de onde ela veio: ganhei de presente de uma criança e família de um espaço de educação onde eu trabalhava, em 2020. Veio com vários bombons dentro e com uma cartinha. Passou dois natais com a missão de enfeitar a árvore da minha casa. Disse que ia contar de onde veio, mas na verdade, não sei dizer por onde passou e de onde surgiu antes de chegar em minhas mãos como presente. Só sei que depois de mais de um ano sendo bolinha de natal ela finalmente ganhou uma nova missão.

Dessa vez passei muito tempo pensando e procurando e experimentando possibilidades de objetos para uma narrativa. A história da vez era *A origem do rio Amazonas*, eu queria algo para representar o sol, algo para representar a lua e algo pro rio. Só que, detalhe, o sol e a lua tinham que ter um jeito de se encaixar e desencaixar e o rio tinha que ter um jeito bonito de "sair" da lua. Compliquei né?

Demorou, foi complicado sim, até lembrar da bolinha transparente que abre e fecha e pode guardar coisas dentro. Daí foi só achar um retalho de tecido azul e comprido e os objetos poéticos estavam criados.

Figura 18



Recontando a história *A Origem do rio Amazonas*. (2022, Arquivo pessoal)

Esses objetos poéticos foram os primeiros que as crianças conheceram e esse primeiro encontro foi durante a contação da história. Foi a primeira história que contei pra elas usando objetos e com a caixa de histórias, que já estava recheada. Depois da contação, não tivemos tempo de abrir a caixa juntos para brincar e combinamos que seria em outro momento. Já era outro dia quando pegamos a caixa de histórias para brincar no parque. O grupo estava dividido em dois subgrupos e se revezaram entre parque e uma atividade na sala. Como o grupo era menor, eles conseguiram se organizar para contarem histórias uns para os outros usando os objetos e cometi um grande erro ao não registrar esses momentos, pelo menos, por um bom motivo: estava muito envolvida e encantada. Tenho apenas poucas fotografias, uma delas é a figura acima, em que uma criança usa os objetos para recontar, à sua maneira, *A origem do rio Amazonas*.

Arrisco dizer que a bolinha transparente e esse tecido azul são os objetos mais manuseados e mais disputados por eles. Nas próximas três figuras podemos ver diferentes crianças manuseando os objetos dessa história em dias diferentes.

Figura 19



Guardando várias coisinhas no Sol e na Lua. (2022, Arquivo pessoal)

Figura 20

Crianças explorando e compartilhando possibilidades com objetos poéticos.
(2022, Arquivo pessoal)

Figura 21



Criança manuseando em silêncio objetos poéticos. (2022, Arquivo pessoal)

Depois de meses desde a contação dessa história, duas crianças decidiram e combinaram de brincar de criar uma história juntas, eu estava sentada perto e fiquei observando e escutando. Confesso que, se tratando daquelas duas crianças, supus que a brincadeira seria um faz de conta com muita falação e movimento, vozes alteradas imitando personagens, com mais teatralidade e barulho. Me surpreenderam. Estenderam sobre a mesa um círculo de feltro azul e começaram a dispor os objetos em cima desse suporte, experimentando composições diversas e criando uma narrativa visual, com poucas falas:

- Esse é o mar.
- Esse é o mar, mas vou colocar o mar mais aqui.
- Esse é um bichinho.
- O mar vai tá aqui tá bom? Depois a gente pega o mar. Vou guardar na lua.
- Esse é o sol.
- Tá! Aqui é o sol e a lua.

Figura 22



Crianças dispoendo objetos sobre fundo de tecido compondo uma narrativa visual em conjunto. Montagem de seis fotografias. (2022, Arquivo pessoal)

Figura 23



Guardando o mar na lua. Fotografia com ilustração digital. (2022, arquivo pessoal)

**O quadradinho no teto
que é a anta e pode ser
a nuvem também**



4.3. O quadradinho no teto que é a anta e pode ser a nuvem também

4.3.1. TAPI'I'RAPE, O CAMINHO DA ANTA:

Céu dos Aikewara

Quem me contou essa história eu não conheço pessoalmente, foi vendo um vídeo no youtube que a escutei. Foi um sábio senhor indígena, do povo Aikewara, chamado Apí Suruí, que contou mais ou menos assim:

No céu tem música boa e festa. Os bichos queriam subir para festa. Veio a onça e tentou flechar o céu, falhou, tentou a ema, errou, tentou o jabuti, os bichos grandes, todos falharam.

“Tem crocodilo? Então usa esse.” (Me oferece um brinquedo de crocodilo depois que respondo positivamente com a cabeça.)

“Daí veio o crocodilo, tentou flechar e errou também” (Larissa)

“Quando eu tava indo pro clube eu tinha visto umas luzes, deve ser a festa no céu.”

“Nessa festa tinha muitas luzes mesmo, e dança, e comidas.”

(Larissa)

Aí veio o tatuzinho, convidaram ele, ele flechou o céu e acertou, depois flecha seguida de flecha foi mirando e acertando uma atrás da outra. As flechas se encaixaram uma no rabo da outra, formando uma escada longa que serviu de passagem para os bichos chegarem na festa.

Eles faziam fila um atrás do outro, cantavam, dançavam. Subiu a ema, subiu a onça, subiu a cobra, subiu a cobra grande, o veado também subiu, foi logo em seguida o tatu, o jabuti, subiu, aí chegou a anta.

“Nossa, é argila!” (Diz segurando a anta quando ela foi passada de mão em mão na roda para perceberem como era pesada.)

“Larissa, Larissa, parece o pé de feijão. No pé de feijão, ele escala.”

Quando veio a anta, o bicho pesado, pra subir, chegou no meio da escada e a escada escapou. A escada de flechas tombada, a anta e os bichos ficaram lá em cima. A gente vê lá passando no céu o caminho da Anta, é a mancha esbranquiçada do céu estrelado. A gente vê os desenhos que as estrelas fazem no céu, tem a ema, a cobra, tem o veado com os chifrinhos, tem a anta.

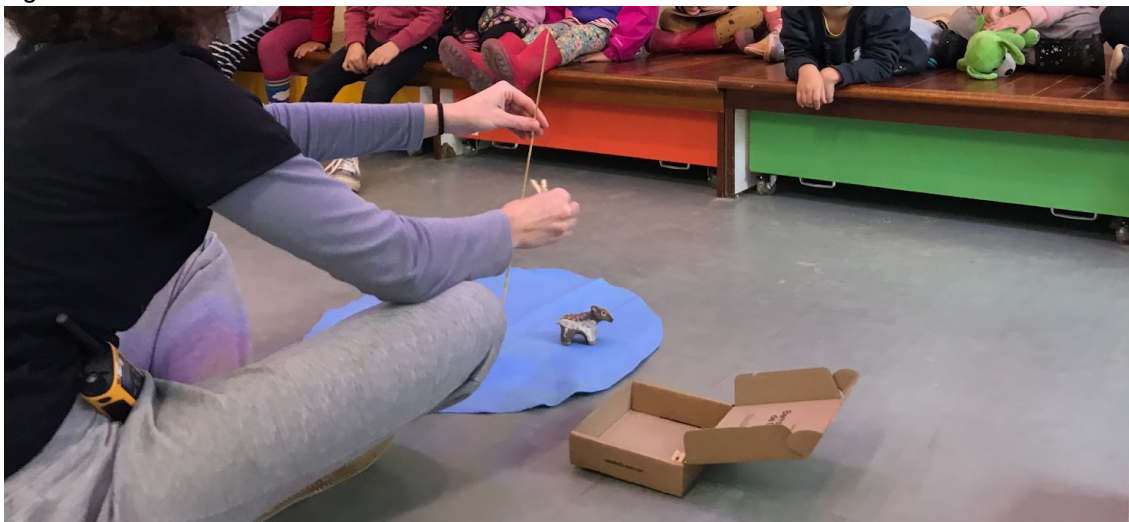
“Os bichos mitológicos também estavam lá? O pégaso...?”

“Eu já vi umas constelações no meu tablet, no show da Luna.”

“A gente pode olhar as estrelas no céu à noite e fazer os nossos desenhos.”

O céu muda durante o ano e os desenhos também e com ajuda deles a gente sabe quando vem a época das chuvas e da seca, do frio e do calor, o tempo certo de plantar, colher, buscar barro pra argila e até quando é melhor pescar e caçar.

Figura 25



Contação da história *O caminho da Anta*. (2022, Arquivo pessoal)

Quando estávamos chegando no fim da história, convidei as crianças a olharem para o céu e levantei a cabeça olhando para cima, elas repetiram o gesto e eu brinquei:

– Olha! O teto! – Em tom de encantamento, debochando.

– Olha tem um quadradinho grudado, na parede, não, no teto, tá vendo? Tá vendo? – Disse uma das crianças.

– Tô vendo! Hã!? – Respondi esperando uma continuidade.

– Tá vendo? – A criança reforçou.

– Sim! – Afirmaram algumas crianças também.

– Tô vendo! O que é? – Perguntei curiosa.

– Não sei. – Respondeu satisfeita.

– É um quadradinho no teto, né? – Eu disse.

– É a Anta! É a Anta! – Outra criança interveio.

– Pode ser a nuvem também. – Concluiu a criança que nos mostrou o quadradinho.

4.3.2. PALITOS, PREGADORES E ARGILA

Num reino encantado chamado ateliê, onde residem tantas oportunidades e alimentos para a criatividade, nasceram os objetos poéticos da história *O caminho da Anta*. Nesse caso, o ateliê da escola onde atuo. Mas por aí existem muitos desses reinos encantados.

A história, por mim escutada já algumas vezes, estava habitando minha mente e rondando meus pensamentos. Enquanto estou nesse processo de pesquisa e assimilação de uma nova narrativa, a vejo e a relaciono com tudo que me transpassa.

Com a narrativa na cabeça, os pés no ateliê, os olhos, ouvidos e atenção nas crianças e as mãos na argila, foi que nasceu a Anta.

Outro dia no ateliê, a Anta em mãos, me coloco a procurar as flechas e outros bichos nas sucatas e materiais diversos que tinham lá. Sempre penso em criar uma estética própria para cada história, tentando encontrar uma harmonia entre os

objetos. Outro critério para a escolha dos objetos era que os outros bichos não podiam ser mais pesados que a Anta.

Depois de uma boa bagunça sem conseguir criar os bichos, deixei eles um pouco de lado e escolhi palitos de churrasco para as flechas, foi a primeira ideia e com fiquei. Encontrei uma forma deles se encaixarem um no bumbum do outro usando pedaços de canudo e durex.

Veja bem, eu tinha a Anta, tinha uma escada de flechas, só faltavam os bichos que subiriam por essa curiosa escada.

Inventei um critério novo, os bichos teriam que ser capazes de se prender naquela escada. Ao invés de dificultar a procura, sabe que ajudou, naquele momento ficou óbvio para mim que os bichos só poderiam nascer de pregadores. Era isso! Pregadores!

Nascidos no reino encantado Ateliê, palitos, pregadores e Anta de argila, foram transportados por uma caixa, a caixa de histórias, até as mãos das crianças. Um certo dia, após ouvir *O caminho da Anta*, uma criança pega os palitos e pregadores e me conta a seguinte história:

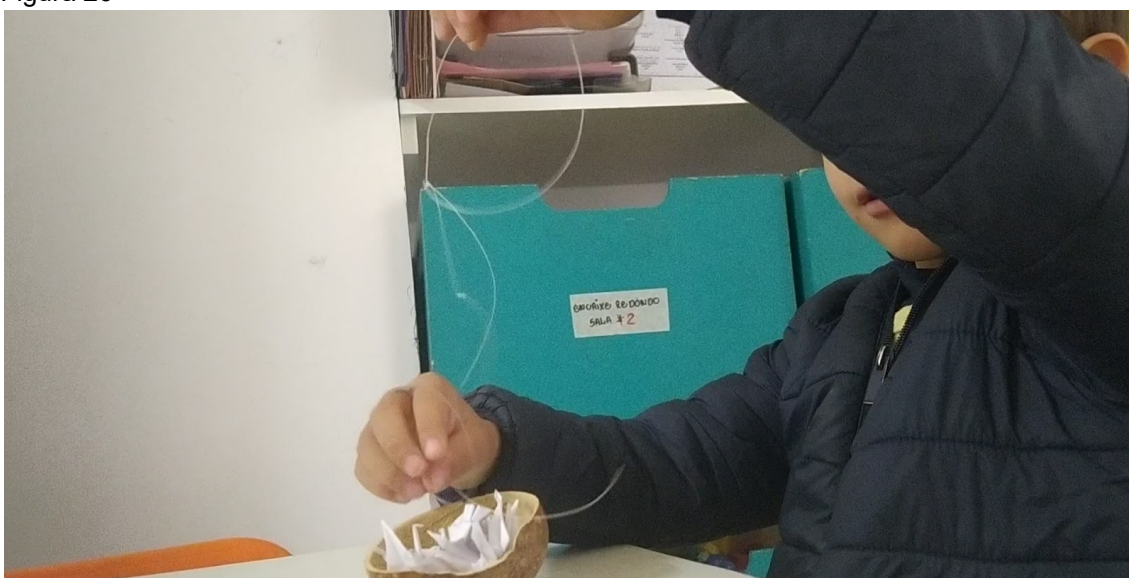
“O tatu foi pro espaço. Ficou voando, voando, voando, até o foguete quebrar. E ele conseguiu voltar. Sabe como? Com a mochila a jato dele.”

As palavras contaram a história como está escrito acima. As mãos e os objetos contaram assim: Segurou em uma mão um pequeno pregador amarelo, o prendeu a um palito de churrasco que segurava com a outra mão. Com um gesto rápido, palito e pregador, são levantados bem alto. Em seguida, com movimentos lentos, balançou várias vezes de um lado para o outro, na horizontal, até que subitamente parou. Desprendeu o pregador do palito. Soltou o palito, que caiu na mesa. A mão que segurava o pregador amarelo permaneceu um tempo imóvel no mesmo lugar, até que a outra mão chegou trazendo um pregador bege e prendeu ele envolta do amarelo, que voltou a se movimentar.

Nesse mesmo dia, outra criança me conta uma história usando meia cabaça, um fio de nylon e pequenos pássaros de origami. Abaixo apresento suas falas transcritas e uma foto do momento em que me conta da escada cabo de guerra e da floresta sem fim.

“A corda do cabo de guerra rasgou inteiro. Esse era o cabo de guerra. Os bichos estavam no cabo de guerra. Isso era uma escada cabo de guerra. E os bichos foram parar na floresta sem fim. Agora virou um esconderijo. Os bichos fizeram assim! (juntando todos os bichos num punhado com as duas mãos) E fez um foguete e foi pra marte.”

Figura 26



Brincando com os bichos, cabo de guerra e floresta sem fim. (2022, Arquivo pessoal)

Nas próximas figuras podemos ver diversas crianças brincando com os objetos dessa história. Apesar de eu não ter conseguido ouvir e registrar suas falas, as narrativas visuais dessas fotografias já falam muito e nas legendas escrevi o pouco que sei dos momentos registrados.

Figura 27



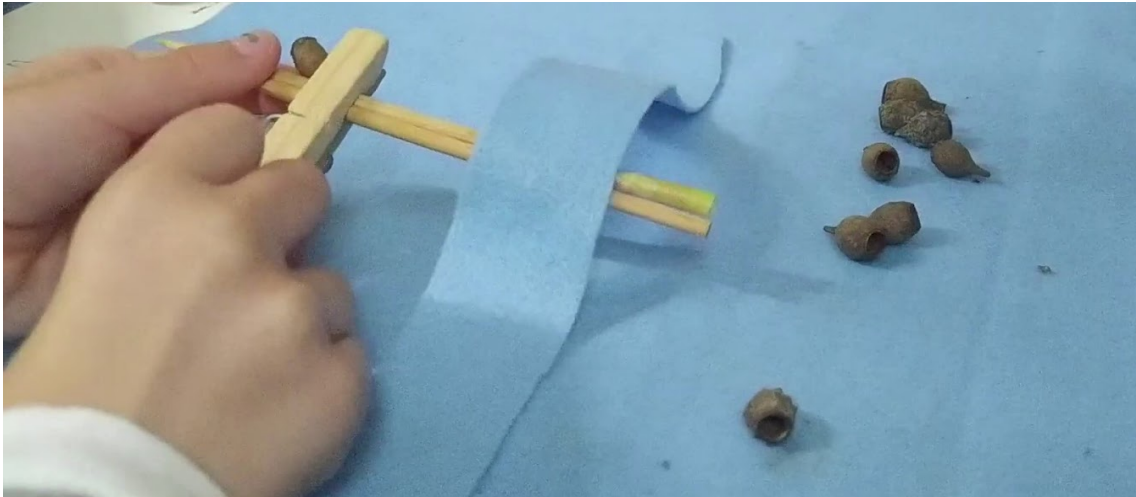
Crocodilo observa a lua sendo flechada. (2022, Arquivo pessoal)

Figura 28



Nuvem sendo flechada. (2022, Arquivo pessoal)

Figura 29



Experimentando encaixes e composições em silêncio. (2022, Arquivo pessoal)

Figura 30



Deitando a anta na cabaça e a cobrindo com um retalho de tecido azul. (2022, Arquivo pessoal)

Figura 31



Os bichos se agarram à flecha. Fotografia com ilustração digital. (2022, Arquivo pessoal)

4.4. Um pequeno pilão e um pote de tampa azul



Pilão e Potinho de tampa azul
(2022, Arquivo pessoal)



Figura 32 e 33

O pilão é um pilão mesmo, um pequeno pilão que ganhei de uma prima, uma lembrancinha de uma viagem pra não lembro onde. Ele é um objeto que uso na contação da história *As duas mulheres e o céu*, de origem africana, tentei encontrar, mas não sei especificar de qual país ou povo. O pilão é o instrumento de trabalho de duas mulheres dessa história, que cantam e trabalham, trabalham e cantam, conversam, contam segredos, piadas, fofocas e falam, falam muito.

Ouvi pela primeira vez essa história em um curso remoto, chamado Palavras que contam, com Simone Grande. Disponibilizo, no anexo deste trabalho, uma figura onde se pode ver os outros objetos dessa história e a referência de onde a encontrei. Com esse pilão também toco e canto o canto de trabalho *Acorda Mamãe* da Cia Cabelo de Maria.

O pote de tampa azul é um pequeno pote de vidro, com uma tampa encapada por um tecido azul estampado, por dentro é recheado com fios diversos e uma tampinha de garrafa vedada e cheia de pequenas miçangas.

Ele é guardado na caixa de histórias, mas não pertence exclusivamente a nenhuma história. Ele é uma peça coringa, um chocalho de som bem baixo e abafado, uso algumas vezes ao cantar uma canção no momento de preparo da contação, que gosto de chamar de ritual.

4.4.1. NAS MÃOS DAS CRIANÇAS

Estávamos sentados, eu e mais seis crianças, em uma mesa, brincando com pequenos brinquedos de animais e legos. As crianças pediram para pegar a caixa de histórias para brincar. Então guardamos os legos para abrir espaço e abrimos a caixa.

Passaram algum tempo explorando os objetos e negociando entre elas para decidir o que cada uma poderia usar primeiro. Uma das crianças atraiu a atenção das outras e começou a contar uma história:

“Era uma vez um lindo bonequinho passeando na floresta.” Ele encontra a girafa e depois o macaco. Responde para os dois que não está bem e conta que está procurando comida.

Figura 34



Bonequinho passeando na floresta. (2022, Arquivo pessoal)

Estávamos no parque da escola, com a caixa de histórias aberta e uma criança que brincava com o pilão e o potinho de tampa azul me conta:

“Um homem estava tomando chá, daí caiu na xícara. De chá quente!”

Figura 35



O homem e a xícara de chá quente. (2022, Arquivo pessoal)

Numa das mesas da sala de referência do nosso grupo, estávamos eu e uma criança sentados mexendo nos objetos poéticos em silêncio. Aponto e pergunto: "O que são essas coisas?". Ela responde:

"Era um chapéu. Aí matou o chapéu!" Dá uma pancada com o pilão no chapéu que depois virou fantasma. "Aí começou o trabalho." Em seguida dá várias pancadas ritmadas com o pilão.

"Mas e a música? A música do pilão!? Canta."

Figura 36



Chapéu e fantasma e trabalho. (2022, Arquivo pessoal)

Caixa de histórias aberta mais uma vez no nosso parque, vejo três crianças brincando juntas e me aproximo para ouvir. Quando chego eles se distraem e param para conversar comigo sobre outros assuntos. O que escuto da brincadeira, de longe, antes de minha indesejada interrupção, escrevo a seguir.

"Tinha duas bebidinhas. Essa do macaco, essa da girafa."

"São poções mágicas!"

Figura 37



Bebidinhas e poções mágicas. (2022, Arquivo pessoal)

Figura 38



O momento antes do homem cair na xícara de chá quente.
Fotografia com ilustração digital. (2022, Arquivo pessoal)

4.5. Frutos de eucalipto

Os frutininhos de eucalipto, eu encontrei na praça perto da minha casa. Eu estava sentada na grama e distraída comecei a mexer nas folhas, terra e frutos à minha frente. Descobri que os frutos se encaixavam um no outro e fiquei fazendo várias torres. Tenho esse gosto por brincar com elementos naturais, costumo ,sempre que me sento na grama/terra, brincar de fazer composições com o que encontro por ali.

Os gestos de empilhar os frutininhos e a imagem que aquilo criava me fizeram lembrar da história *A origem do tambor*, que já fazia parte do meu repertório e já tinha seus objetos poéticos criados. Então incluí os frutininhos que se empilham na contação dessa história. São os macacos de nariz branco que sobem um sobre o outro para alcançar a lua. No anexo deste trabalho há uma figura onde se pode ver os outros objetos dessa história e a referência de onde a encontrei.

4.5.1. NAS MÃOS DAS CRIANÇAS

Um dia, antes de uma contação de história, deixei cair a caixa de histórias. Rimos e recolhemos, mas restaram alguns objetos perdidos no chão, que fomos encontrando aos poucos. Uma criança encontrou um frutinho, pegou e perguntou:

- O que é isso?
- É um macaquinho, tem vários desses e eles sobem um em cima do outro para alcançar a lua. – Eu respondi.
- Mas e o que é? – A criança insistiu.
- É um fruto de uma árvore.

Depois de um tempo, enquanto fazíamos uma brincadeira, encontramos outro desse fruto no chão.

– Olha um inseto! – Outra criança exclamou, apontando com o dedo.

– Nossa! Pode deixar, eu cuido dele. – Recolhi e o acolhi nas minhas mãos em formato de concha.



Figura 39

Frutos de eucalipto
(2022, Arquivo pessoal)

As crianças ficaram curiosas, pediram para ver e observaram admiradas o que sabiam já ter sido um fruto, mas que naquele momento era um inseto precisando de acolhimento. Entrego aos cuidados de uma criança protetora e voltamos a brincar.

Além de frutos de eucalipto, macacos e insetos, esses objetos foram comidinhas para a anta, a girafa e o macaco, como podemos ver na figura abaixo.

Figura 40



O banquete de comidinhas. (2022, Arquivo pessoal)

Também se transformam em formiguinhas numa história que uma criança me contou, o registro em foto desta contação pode ser visto na figura 41 e a seguir, uma transcrição de parte desta narrativa:

“E depois, as formiguinhas foram num lago cheio de furos e se afogaram. (...) Os pássaros viram e ficaram rindo das formiguinhas e nunca mais pararam.”

Figura 41



Os pássaros que riram das formiguinhas. (2022, Arquivo pessoal)

Figura 42



São insetos. Fotografia com ilustração digital. (2022, Arquivo pessoal)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vou terminando de contar essa história depois de percorrer memórias, registros e estudos sobre a contação de histórias e os objetos poéticos como experiências de aprendizado.

O intuito desta pesquisa foi narrar minhas vivências como educadora que conta histórias, destacando o uso de objetos poéticos e as falas das crianças, e investigar a relevância dessas experiências como situações de ensino-aprendizagem. Desta investigação se percebe que contar histórias e se demorar nas reverberações após as contações, é uma atuação que tem o poder de formar e transformar tanto as crianças quanto o próprio educador. Para o propositos, pode preponderar a autonomia, poética, criatividade, imprevisibilidade e presença. Para as crianças instiga a participação ativa e criatividade e pode possibilitar uma formação estética, identitária, social, emocional e cognitiva.

A produção deste trabalho me presenteou com a necessidade de pesquisar, estudar e percorrer minhas experiências, como educadora que narra, mais a fundo. Este aprofundamento trouxe transformações de minhas percepções sobre as vivências revisitadas e a arte-educação, expondo possibilidades outras, instigando avaliações críticas e ressaltando potencialidades.

No último capítulo trouxe falas das crianças em contato com as histórias e objetos. Embora não tenha sido o objetivo deste trabalho analisar as experiências e expressões das crianças tentando supor aprendizados e desdobramentos particulares, ainda aposto na relevância de comentar que com suas partilhas podemos aprender muito, discorro sobre algumas delas.

Sobre o contato das crianças com os objetos poéticos, podemos observar nos relatos movimentos distintos de lidar com a dualidade entre o real e a fantasia: uma postura mais cética de reafirmar um conhecimento prévio e aquilo que considera real; postura investigativa, experimentando diversas outras possibilidades de ver; movimento de abraçar o significado inventado, deixando-se levar e dando continuidade a fantasia. Relembrando alguns exemplos retirados dos relatos: "Quando não é história, é uma meia!"; "Nossa, é argila!"; ou o episódio do fruto de eucalipto que digo ser um macaquinho, uma criança insiste em saber o que realmente era e depois outra criança o chama de inseto e todos observam atentamente o "inseto". Os objetos poéticos possibilitam investigações particulares

sobre imaginação e realidade, transitando entre seu significado corriqueiro e instrumental e o significado inventado, singular e poético. Também incentivam uma postura curiosa, de atenção às características e expressividades dos objetos, como se os tivessem olhando pela primeira vez, frente ao desconhecido.

Com o comentário de uma criança durante a contação da história *A natureza ambígua de Oxumarê* passei a descrever mais as paisagens e personagens das histórias, instigando a imaginação de imagens que possam ir além dos estereótipos que já povoam em excesso o nosso imaginário. Ao descrever Oxumarê, como um homem belo e negro, enfeitado com acessórios e vestes coloridas, vistosas e luxuosas, uma criança me perguntou, durante e depois da história, se Oxumarê era mesmo bonito.

Outro aprendizado, que modificou minhas contações de histórias, veio a partir de desdobramentos tempos depois da história. Na introdução e depois de terminada a história *O caminho da Anta* conversamos, eu eu e as crianças, sobre a origem da história, como a conheci e sobre os indígenas. A conversa se desenrolou, as crianças fizeram perguntas e contaram curiosidades e experiências, num dado momento do diálogo contei que eu tinha aprendido que as pessoas indígenas preferiam ser chamadas pelos seus nomes, pelo nome de seu povo ou de indígenas, e não de índios. Dei alguns exemplos de povos indígenas e expliquei que índio era como se fosse um apelido que deram para eles sem permissão e não como se chamam ou gostam de serem chamados.

Mais de dois meses depois desse evento, em uma roda de conversa com o grupo e a professora da turma, voltamos a abordar a temática indígena. A professora num dado momento disse índio e uma das crianças questionou o porquê dela dizer índio ao invés de indígena, já que eles não gostam de serem chamados assim. Percebendo como poderiam ser significativos e formativos, passei a aproveitar mais esses momentos, de introdução e finais das histórias, sem pressa de continuar, encerrar a contação ou passar para a próxima atividade, nos permitindo desenvolver conversas de interesse coletivo.

Para além das histórias contadas, atentar à força das palavras na construção de conhecimento, passa a ser um exercício contínuo em minha postura como educadora.

Com o pensamento de Paulo Freire abriram-se muitos caminhos para a crença na possibilidade da aprendizagem a partir da força da

palavra, do percurso de vida e de ação. Trato de palavra em um sentido histórico, estético e ético em oposição àquilo que Freire chama palavrado, ou seja, palavras vazias de sentido. Palavra grávida de sentidos se equivale à “palavramundo” freiriana. Engravidar a palavra de sentido, também é ser uma proposta inspiradora para a construção de práticas narrativas educativas.
(MIGUEL, 2017, p. 17)

Ao longo das várias histórias contadas e repetidas, passei também a encarar as participações das crianças durante as histórias com mais atenção e abertura, entendendo-as como envolvimento ativo e não como interrupções negativas. Mudando para uma postura mais aberta a imprevisibilidade, incertezas e flexibilidade. Os comentários das crianças são capazes de acrescentar maneiras de observar e sentir as narrativas, enriquecendo nossa experiência de contação e relação com as histórias.

Costumo contar as histórias em roda, também aconteceram algumas em outros formatos, mas sempre estávamos sentados. Quando alguma criança levantava, com receio de distrair as outras crianças e perder a atenção delas, eu logo pedia para voltar e sentar. Até que depois de dois episódios onde a movimentação das crianças durante as contações ampliaram nossa vivência com as histórias. Em um deles, uma criança levantou para dançar e fazer percussão corporal mostrando como era a festa no céu. Em outro, uma criança mostrou com o seu corpo como Oxumarê se transformou em cobra.

Esses episódios me ensinaram a não reagir tão rápido diante das intervenções das crianças, deixando acontecer um pouco antes de tomar qualquer atitude. Podem surgir ações alheias ao momento, que desviam das histórias e que consideramos inconvenientes e temos que encontrar maneiras de contornar e retomar o foco de forma fluida, mas podem surgir participações interessantes e pertinentes que podemos permitir permear a nossa experiência naquele momento e incorporar nas nossas próximas práticas de contação. Deixar a coletividade agir sobre o momento das contações de histórias nos presenteia com outras formas de viver as narrativas e aprender com elas.

Nos relatos que trouxe, também se percebe o envolvimento do corpo que participa da construção de conhecimento nas experiências com os objetos poéticos. O que está movimentando dentro transpassa o corpo e se exterioriza: numa relação apenas consigo mesmo, numa exploração particular das mãos com os objetos, ou

compartilhando com os outros através de gestos, falas e manipulação dos objetos. Para Hofstaetter (2021, p. 786) “não é apenas o racionalismo que nos leva a compreender a realidade e a atuar sobre ela. É preponderantemente pelas experiências corporais que se conhece o mundo.”.

Trabalhar com contação de histórias é um caminhar que não se acaba, um aprender contínuo, de aprimoramento e expansão de imagens internas e possibilidades de ver o mundo. Aprende-se com a coletividade que ela desperta, com cada narrativa, com as participações dos ouvintes, com o processo particular de aproximação com cada história e com a escuta que se vai aguçando.

Enquanto se debruça sobre a variedade de situações, palavras e questões narrativas, a pessoa vai sendo trabalhada, por assim dizer, pelo movimento das histórias. Suas imagens internas multiplicam-se, avivam-se, tornam-se eloqüentes, constituindo uma crescente familiaridade com a paisagem narrativa. (MACHADO, 2004, p. 75)

Carrego agora, como frutos dessas vivências e dessa pesquisa, novos aspectos a aprimorar e acrescentar à minha prática. Como aumentar minha habilidade nos usos de adjetivos e descrições, incorporar sempre à contação uma introdução sobre como conheci a história e qual sua origem, estudar mais sobre narrativas orais e suas sabedorias ancestrais, e descobrir outros recursos de mediação para além dos objetos poéticos: música, acessórios, cenário, efeitos sonoros, vestuário, etc.

Outro elemento que estou repensando, como consequência da escrita deste trabalho, é a caixa. Ela surge da necessidade de transporte e armazenamento dos objetos poéticos e admiro o ato de abrir a caixa de histórias junto com as crianças. Mas o formato da caixa e o ato de fechar as histórias lá dentro associo ao movimento de prender, limitar, guardar, colecionar e dominar. Ainda estou processando essa questão e em busca de alternativas.

Antes de chegar ao fim, compartilho um trecho da história *Coca recoca que o mato me deu*.

[...] O menino volta cantando para a menina:

Menina me dê o meu pão,

Pão que o padeiro me deu

Padeiro vendeu o meu cesto,
Cesto que o cesteiro me deu,
Cesteiro quebrou minha navalha
Navalha que a lavadeira me deu,
Lavadeira gastou meu sabão,
Sabão que a parede me deu,
Parede lavou meu angu,
Angu que minha vó me deu,
Minha vó comeu minha coca,
Coca recoca que o mato me deu.

A menina faminta, já tinha comido tudo. Não tendo mais pão para devolver ao menino, deu a ele sua viola. Feliz, o menino sobe em uma árvore, apoia a viola na perna, toca e canta:

Da coca fiz angu,
Do angu fiz sabão,
Do sabão fiz uma navalha,
De uma navalha fiz um cesto,
Do cesto fiz um pão,
Do pão fiz uma viola,
Ding li ding vou para Angola,
Ding li ding eu vou para Angola. ⁴

**Fui ao moinho,
moí a farinha,
quem quiser que conte a sua,
pois eu já contei a minha.**
(AMADOR DE DEUS, 2019)

⁴ : A história na íntegra compartilho nos Anexos, sendo que a forma que a escrevo é resultado de aprendizado pela oralidade e algumas variantes em literaturas de contos tradicionais (ALCOFORADO, 2001), (CASCUDO, 2014).

REFERÊNCIAS

- AMADOR DE DEUS, Zélia. *Ananse tecendo teias na diáspora: uma narrativa de resistência e luta das herdeiras e dos herdeiros de Ananse*. Belém: Secult/PA, 2019.
- BARROS, Manoel de. As lições de R.Q. In: BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*. São Paulo: Editora Global, 2015.
- HOFSTAETTER, Andrea. Ação docente como ato poético na produção de objetos propositores. *Revista GEARTE*, Porto Alegre, v. 8, n. 3, p. 774-792, set./dez. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/112135>. Acesso em: 27 nov. 2022.
- HOFSTAETTER, Andrea. Objeto propositor poético na produção do evento pedagógico. *Revista Educação*, Santa Maria, v. 47, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao>. Acesso em: 27 nov. 2022.
- LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência [tradução de João Wanderley Geraldi]. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 nov. 2022.
- LISBOA, Henriqueta. *Literatura oral para a infância e a juventude: lendas, contos e fábulas populares no Brasil*. São Paulo: Peirópolis, 2020.
- LORDE, Audre. A poeta como professora - a humana como poeta - a professora como humana. In: LORDE, Audre. *Sou sua irmã*. São Paulo: Ubu Editora, 2020. p.103-104.
- MACHADO, Regina. *Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: DCL, 2004.
- MIGUEL, Aline Cântia Corrêa. *O educador narrador: uma trajetória pela palavra e pela escuta*. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2017. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/15678>. Acesso em: 27 nov. 2022.
- OLIVEIRA, Mafuane. *Contadora de histórias*. [Entrevista concedida a] Jonas Samaúma. Museu da Pessoa, São Paulo, 6 jan. 2020. PDF do depoimento completo. Disponível em: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/contadora-de-historias-159071>. Acesso em: 27 nov. 2022.
- OLIVEIRA, Kiusam de. *Pedagogia da ancestralidade e práticas ancestrais femininas: estratégias de Ewá, Obá e Olocum para empoderar as mulheres pretas*

contemporâneas. [S.l.]: [s.n.], 2020. Disponível em: <https://doceru.com/doc/n0c01vv>. Acesso em: 27 nov. 2022.

OLIVEIRA, Mafuane. Projeto Chaveiroeiro: tradição oral, mediação de leitura e percursos narrativos de uma contadora de histórias. *Revista Crioula*, São Paulo, n. 25, p. 386-399, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2020.172872>. Acesso em: 27 nov. 2022.

PRANDI, Reginaldo. *Oxumarê, o arco-íris*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.

QUILICI, Patrícia Marchesoni. *Oficinas de arte para crianças: semeando processos criativos*. 2021. Orientadora: Profa. Dra. Rejane Galvão Coutinho. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São Paulo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/215511>. Acesso em: 27 nov. 2022.

RODRIGUES, Giselda Pereira. *Os mitos e contos africanos e afro-brasileiros na formação de professores: uma prática de combate ao racismo e à intolerância religiosa*. 2020. Orientadora: Profa. Dra. Rejane Galvão Coutinho. Dissertação (Mestrado em Arte/Educação) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São Paulo, 2020.

TAPI'IRAPE: o Caminho da Anta (Céu dos índios Aikewara). Direção: Maurício Neves Corrêa e Ivânia dos Santos Neves. [S. l.]: [s. n.], 7 dez. 2010. 1 vídeo (8:05 min). Publicado pelo canal Projeto Aikewara. Disponível em: <https://youtu.be/1mHm3B2WHCs>. Acesso em: 27 nov. 2022.

XAVIER ALCOFORADO, Doralice Fernandes (coord.); SUÁREZ ALBÁN, Maria del Rosário (coord.). *Contos populares brasileiros*: Bahia. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2001.

ANEXOS

A. Abrindo a caixa de histórias

Figura 43



Caixa de histórias aberta e seus objetos poéticos (2022, Arquivo pessoal)

N°	História	Referências
1	Oduduá e a briga dos 7 anéis	<p><i>Omo-oba Histórias de Princesas</i> - Kiusam de Oliveira.</p> <p>[<i>Contação de histórias</i>] : <i>Obatalá e Odudua no princípio do universo :: Oralidade :: Agbalá</i> - Agbalá Conta e Giselda Pereira. Vídeo disponível em: https://youtu.be/f3tARss9G4g</p>
2	Mazanendaba	<i>Histórias da África</i> - China Mhlophe.
3	<p>Quatro histórias de devorar:</p> <p>A boca da criança Krishna</p> <p>Boitatá</p> <p>A boca que tudo come, a fome de Exu</p> <p>Todos dependem da boca</p>	<p><i>Śrīmad-Bhāgavatam</i>, canto 10, cp. 8. Disponível em: https://bhagavata.org/canto10/chapter8.html</p> <hr/> <p><i>Contos gauchescos e lendas do sul</i> - João Simões Lopes Neto.</p> <hr/> <p><i>Ésú</i> - Juana Elbein dos Santos e Mestre Didi Asipá.</p> <p><i>Mitologia dos orixás</i> - Reginaldo Prandi. <i>#abocaquetudocome A fome de Exu</i> - Sesc Campo Limpo e coletivo Quizumba. Vídeo disponível em: https://youtu.be/LGE03-6d8kw</p> <hr/> <p><i>Eu conto, tu contas, ele conta... Estórias africanas</i> - Aldónio Gomes.</p> <p><i>Contos Africanos</i> - Site: Mural África: UFSC. Disponível em: https://muralafrica.paginas.ufsc.br/files/2011/1/CONTOS_AFRICANOS.pdf</p>
4	A briga entre a onça e o tatu	<i>Contos Índios</i> - Ruth Guimarães.
5	A estrada de estrelas	<p><i>The Discursive Character of the /Xam Texts: A Consideration of the /Xam "Story of the Girl of the Early Race, Who Made Stars"</i> - Artigo - Michael Wessels.</p> <p><i>Papo Lendário #216 – Mitologia Khoisan</i> - Podcast disponível em: https://www.mitografias.com.br/2020/09/papo-lendario-216-mitologia-khoisan/</p> <p><i>Apoio: pesquisa do povo San e sua cultura</i> disponível em: https://stringfixer.com/pt/San_people</p>
6	O caminho da Anta	<i>Tapi'i'rape: o Caminho da Anta (Céu dos índios Aikewara)</i> - Projeto Aikewara. Direção:

		Maurício Corrêa e Ivânia Neves. Video disponível em: https://youtu.be/1mHm3B2WHCs
7	A tecelã e o vaqueiro	<i>Contos e Lendas do Japão II</i> . Volume: Tanabata: Encontro nas estrelas - Lucia Hiratsuka, Lucia Pimentel Goes. Possibilidades da Cultura Japonesa na Prática Pedagógica: Um caso a ser estudado - Dissertação - Cecilia Massako Nomiso.
8	A origem do rio Amazonas	<i>Literatura oral para a infância e a juventude</i> - Henriqueta Lisboa.
9	As duas mulheres e o céu	<i>Narrativas preferidas de um contador de histórias</i> - Ilan Brenman.
10	Os três bodes da montanha	<i>Os 3 Bodes</i> - Era Uma Vez Um Podcast - por Carol Camanho. História original publicada por Peter Christen Asbjørnsen e Jørgen Moe. Podcast disponível em: https://eraumavezumpodcast.com.br/tag/3-bodes-da-montanha/
11	Urashima Tarô	<i>Os mukashi banashi da literatura japonesa: uma análise do feminino e do casamento entre seres diferentes no contexto dos contos do japão antigo</i> - Dissertação - Marcia Hitomi Namekata. <i>A História de 'Urashima Taro' em Kamishibai, narrada por Moreno Veloso</i> - Japan Society New York e Japan House São Paulo - Vídeo disponível em: https://www.japanhousesp.com.br/artigo/kamishibai-urashima-taro-por-moreno-veloso/ <i>Kamishibai: Conheça o teatro de papel japonês e aprenda a fazer o seu</i> - Japan House São Paulo - Artigo e vídeo disponível em: https://www.japanhousesp.com.br/artigo/kamishibai-conheca-o-teatro-de-papel/ <i>Apoio: Mais sobre o dragão Ryujin</i> disponível em: https://portal-dos-mitos.blogspot.com/2013/09/ryujin.html
12	A origem do tambor	<i>Contos de Griô: A Origem do Tambor</i> - Ana Cristina. Jean Lins. Edição digital disponível em: https://www.socialcomics.com.br/hq/l7sJY1HguMVyi9LsZOmD/8jNEXVCStVBPmPZfxI0P

13	Coca recoca que o mato me deu	<p><i>Contos Tradicionais do Brasil</i> - Luís da Câmara Cascudo.</p> <p><i>Contos populares brasileiros: Bahia</i> - Doralice Alcoforado e Maria Albán.</p>
14	A onça e o bode	<p><i>Contos Índios</i> - Ruth Guimarães.</p> <p><i>Contos Tradicionais do Brasil</i> - Luís da Câmara Cascudo.</p> <p><i>Contos populares brasileiros: Bahia</i> - Doralice Alcoforado e Maria Albán.</p>
15	A natureza ambígua de Oxumarê	<p><i>Oxumarê, o arco-íris</i> - Reginaldo Prandi.</p>
16	As histórias de Ananse	<p><i>Historias de Ananse</i> - Adwoa Badoe E Baba Wagué Diakité.</p> <p><i>Anansi: O Velho Sábio</i> - Rosa Freire D'Aguiar.</p> <p><i>A story a story</i> - Gail E. Haley.</p> <p><i>Izindaba - Contos Africanos</i>; Ilustrações: Patricia Nascimento, Bruno de Souza - TAG Livros.</p> <p><i>Akan-Ashanti Folk-tales</i> - Capt. R. S. Rattray.</p> <p><i>Ananse tecendo teias na diáspora: uma narrativa de resistência e luta das herdeiras e dos herdeiros de Ananse</i> - Dissertação - Zélia Amador de Deus.</p>
17	A Samaumeira que escurecia o mundo	<p><i>O livro das árvores</i> - org. Jussara Gomes e Benjamim Constant : Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngües.</p>
18	O caracol e a gazela	<p><i>Contos Populares do Brasil</i> - Sílvio Romero.</p> <p><i>Contos Africanos</i> - Site: Mural África: UFSC. Disponível em: https://muralafrica.paginas.ufsc.br/files/2011/1/CONTOS_AFRICANOS.pdf</p>

B. O dia em que o arco-íris estancou a chuva

Quando havia escravidão em nosso país, milhares de africanos que pertenciam aos povos iorubás foram caçados e trazidos ao Brasil para trabalhar como escravos. Assim como outros africanos aqui escravizados, os iorubás, que também são chamados nagôs, trouxeram seus costumes, suas tradições, seus deuses, os orixás. E, até hoje, muitas dessas tradições dos antigos nagôs estão vivas, tanto no Brasil como na própria África. Fazem parte delas as histórias de Ifá.

Ifá, o Adivinho, aquele que conhece todas as histórias já acontecidas e as que ainda vão acontecer, conta que na antiga África negra, em tempos imemoriais, vivia a mais velha das mulheres, a mais antiga de todas. Ela era tão arcaica que até ajudou Oxalá a criar a humanidade, emprestando-lhe a lama do fundo do lago onde ela vive para que ele moldasse o primeiro ser humano. Apesar de velha, era mulher bela e formosa, era uma deusa, e Nanã era seu nome. Teve dois filhos, um muito bonito, o outro feio. O filho feio é conhecido pelo nome de Omulu, o outro, o belo, nós o chamamos de Oxumarê.

O príncipe Oxumarê usava roupas vistosas tingidas de todas as cores, que realçavam ainda mais sua beleza e o faziam invejado por todos. Aonde quer que fosse, era sempre admirado por sua formosura e pelo luxo de seus trajes. Esse gosto pelas roupas alegres herdara do pai, conhecido como o homem da capa multicolorida. Contam muitas histórias sobre Oxumarê e dizem que ele costuma aparecer ora na forma de uma cobra, ora como o próprio arco-íris enfeitando o céu.

Pois bem, dizem que houve um tempo em que a Terra foi quase destruída pela Chuva. Chovia o tempo todo, o solo ficou todo encharcado, os rios pularam fora de seus leitos, de tanta água. As plantas e os animais morriam afogados, a umidade e o mofo se alastravam por todos os lugares, a doença e a morte prosperavam. A chuva é benfazeja, mas não pode durar para sempre, sabia muito bem Oxumarê. Então, o jovem filho de Nanã, que nunca tinha tido simpatia pela Chuva, apontou seu punhal de bronze para o alto e com ele fez um grande corte em arco no céu, ferindo a Chuva e interrompendo sua ação. A Chuva parou de cair e alagar tudo aqui embaixo, e o Sol pôde brilhar de novo, refazendo a vida. Desde então, quando chove em demasia, Oxumarê risca o céu com seu punhal de bronze para estancar as águas que caem das alturas. Quando isso acontece, todos podem ver o belo príncipe no céu vestido com suas roupas multicoloridas. Todos podem vê-lo na

forma do arco-íris. Na língua africana de Oxumarê, aliás, seu nome quer dizer exatamente isso: o Arco-Íris. Quando não está chovendo, Oxumarê vive na Terra.

Muitos dizem que Oxumarê foi posto no firmamento por sua própria mãe Nanã, a Sábia, para que, de lá do alto, todos pudessem admirar sua beleza.

Dizem também que foi por causa de sua formosura que Oxumarê acabou transformado numa cobra. Tudo porque Xangô, o Trovão, rei da cidade de Oiô, encantou-se com as cores do Arco-Íris.

Para poder admirar Oxumarê quando bem quisesse, Xangô planejou aprisioná-lo para sempre. O rei Trovão chamou Oxumarê em seu palácio e, quando o jovem príncipe entrou na sala do trono, os soldados do rei fecharam todas as portas e janelas. O príncipe das cores não podia fugir de Xangô, estava encurralado, preso, impedido de subir ao firmamento. Oxumarê ficou desesperado. Quem estancaria a Chuva, se ele permanecesse preso? Quem salvaria a humanidade da fúria das águas? Quem impediria as enchentes, as enxurradas destruidoras, as avalanches de terra encharcada? Quem frearia a destruição das colheitas por excesso de água? Quem livraria o homem da fome, da morte?

Oxumarê, o Arco-Íris, implorou a Olorum. Olorum, o Senhor Supremo, ouviu o prisioneiro e, com pena dele, transformou-o numa cobra. A cobra então deslizou pelo chão da sala do palácio e, com facilidade, escapou pela fresta sob a porta. Ficou livre para sempre.

Por isso Oxumarê vive no firmamento e vive no solo. Vive no Céu e na Terra. Ele é ambíguo, é misterioso. Temos medo quando o vemos rastejar pelo chão feito um réptil asqueroso, e nos encantamos com suas cores luxuosas esparramadas em arco no horizonte. Ele é o príncipe-serpente, a cobra que rasga o céu. É o Senhor do Arco-Íris.

PRANDI, Reginaldo. *Oxumarê, o arco-íris*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004. p. 9-11.

C. A origem do rio Solimões

Há muitos anos a Lua era noiva do Sol, que com ela queria se casar, mas, se isso acontecesse, se chegassem a se casar, destruir-se-ia o mundo. O amor ardente do Sol queimaria o mundo, e a Lua com as suas lágrimas inundaria toda a Terra. Por isso não puderam se casar. A Lua apagaria o fogo; o Sol evaporaria a água.

Separaram-se, então, a Lua para um lado e o Sol para o outro. Separaram-se. A Lua chorou todo o dia e toda a noite; foi então que as lágrimas correram por cima da Terra até o mar. O mar embraveceu e por isso não pôde a Lua misturar as lágrimas com as águas do mar, que meio ano corre para cima, meio ano para baixo.

Foram as lágrimas da Lua que deram origem ao nosso rio Amazonas.

LISBOA, Henriqueta. *Literatura oral para a infância e a juventude: lendas, contos e fábulas populares no Brasil*. São Paulo: Peirópolis, 2020.

D. Coca recoca que o mato me deu

Um menino caminhava num bosque, assim, à toa, se distraíndo com o que via no seu caminho, flores, bichinhos, detalhes, até que encontra uma coca e a recolhe. Uma coca é um fruto, um tipo de abóbora. Ele leva a coca até a casa de sua avó, que ali por perto vivia e em seguida sai para brincar. Brinca, brinca e brinca. Até que sente fome e volta pedindo sua coca e cantando:

Minha vó, me dê minha coca,

Coca que o mato me deu.

Vó, me dê minha coca

Coca recoca que o mato me deu.

A avó já tinha cozido e comido toda a coca e não tendo coca para dar ao menino, lhe dá uma tigela de angu. O menino não querendo angu e sim sua coca, atira a tigela na parede e sai batendo o pé. Batendo e batendo o pé. Até que se arrepende e volta:

Parede, me de meu angu,

Angu que minha vó me deu,

Minha vó comeu minha coca,

Coca recoca que o mato me deu.

A parede já tinha lavado o todo o angu e não tendo angu, deu ao menino um sabão. Ele guarda o sabão no bolso e sai para brincar no riacho. Chegando lá encontra uma mulher lavando roupa nas margens, esfregando as roupas só com água e muito esforço. O menino oferece o seu sabão para a lavadeira e vai pulando de pedra em pedra, pulando e brincando. Até que cai em uma poça de lama, sujando as barras de sua calça. Ele volta até a lavadeira cantando:

Lavadeira me dê meu sabão,

Sabão que a parede me deu,

Parede lavou meu angu,

Angu que minha vó me deu,
Minha vó comeu minha coca,
Coca recoca que o mato me deu.

A lavadeira, de tanta roupa lavada, gastou o sabão todinho. Não tendo mais sabão para dar ao menino, deu pra ele uma navalha. Ele põe a navalha no bolso e segue em direção ao bosque. Mais adentro da mata encontra um cesteiro, cortando cipós nas mãos e dentes. Comovido, o menino oferece sua navalha e continua caminhando e caminhando. Até que decide voltar e a pedir de volta cantando:

Cesteiro me dê minha navalha,
Navalha que a lavadeira me deu,
Lavadeira gastou meu sabão,
Sabão que a parede me deu,
Parede lavou meu angu,
Angu que minha vó me deu,
Minha vó comeu minha coca,
Coca recoca que o mato me deu.

O cesteiro, de tanto cortar cipós, quebrou a navalha. Não tendo a navalha inteira para dar ao menino, deu a ele um cesto. Com o cesto nas mãos, o menino seguiu caminhando até chegar à cidade, onde encontrou o padeiro carregando pães empilhados nas mãos e embaixo dos braços. O menino vendo aquilo, inconformado, oferece seu cesto. E segue passeando por ali, até que reencontra o padeiro e canta para ele assim:

Padeiro me dê o meu cesto,
Cesto que o cesteiro me deu,
Cesteiro quebrou minha navalha,
Navalha que a lavadeira me deu,

Lavadeira gastou meu sabão,
Sabão que a parede me deu,
Parede lavou meu angu,
Angu que minha vó me deu,
Minha vó comeu minha coca,
Coca recoca que o mato me deu.

Acontece que o padeiro acabou vendendo o cesto junto com os pães. Não tendo um cesto para dar ao menino, dá a ele um pão. O menino pega o pão e vai até a praça se sentar em um banco para comer. Senta, lambe os beijos e quando está prestes a comer, ouve uma menina choramingando de fome. O menino oferece para ela o seu pão. Dali a um tempo, pensando melhor e com a barriga roncando, ele volta cantando para a menina:

Menina me dê o meu pão,
Pão que o padeiro me deu,
Padeiro vendeu o meu cesto,
Cesto que o cesteiro me deu,
Cesteiro quebrou minha navalha,
Navalha que a lavadeira me deu,
Lavadeira gastou meu sabão,
Sabão que a parede me deu,
Parede lavou meu angu,
Angu que minha vó me deu,
Minha vó comeu minha coca,
Coca recoca que o mato me deu.

A menina, faminta, já tinha comido tudo. Não tendo mais pão para devolver ao menino, deu a ele sua viola. Feliz, o menino sobe em uma árvore, apoia a viola na perna, toca e canta:

Da coca fiz angu,
Do angu fiz sabão,
Do sabão fiz uma navalha,
De uma navalha fiz um cesto,
Do cesto fiz um pão,
Do pão fiz uma viola,
Ding li ding vou para Angola,
Ding li ding eu vou para Angola.

ALCOFORADO, Doralice Fernandes Xavier; ALBÁN, Maria del Rosário Suárez, coords. Contos populares brasileiros: Bahia. Recife: FJN, Editora Massangana, 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. Contos tradicionais do Brasil. São Paulo: 1a edição digital, Editora Global, 2014.

O conto aqui escrito por mim é um reconto, resultado de aprendizado pela oralidade e pesquisas algumas variantes que encontrei em literaturas de contos tradicionais referenciadas acima.

E. Para nutrir e inspirar

O dom de contar histórias é, na verdade, um exercício constante, um aprimoramento contínuo de possibilidades internas de ver o mundo de outras formas. (MACHADO, 2004, p. 73)

A qualidade das experiências, especialmente aquelas ligadas ao ouvir e contar histórias, certamente deixava o céu mais bonito. Hoje, quase não olhamos para cima e, ainda que olhássemos, as estrelas nos aparecem quase apagadas, embaçadas pela poluição ou pelas luzes das lojas, das ruas, dos outdoors. As imagens visuais têm preferência à escuta e à contemplação. (MIGUEL, 2017, p. 145)

A seguir uma lista de algumas fontes de aprendizado, para nutrir e inspirar o repertório de histórias, exercitar a escuta e enriquecer o imaginário.

Deixa que eu conto - <https://www.deixaqueeuconto.org.br/>

Era uma vez um podcast - <https://eraumavezumpodcast.com.br/>

Projeto Chaveiroeiro de Mafuane Oliveira - <https://linktr.ee/chaveiroeiro>

Projeto Agbalá Conta de Giselda Perê - <https://linktr.ee/agbalaconta>

As meninas do conto - <https://linktr.ee/asmeninasdoconto>

Cristiane Velasco - <https://linktr.ee/crisvelascohistoriasdeboca>

Bel Reis - <https://instagram.com/belreishistorias>

Flora Barcellos e Histórias de brincar - <https://linktr.ee/historiasdebrincar>

Canais de Youtube do Sesc, de instituições culturais e bibliotecas.

Provérbios e sabedoria ancestral:

Suellen Massena - <https://instagram.com/suellen.massena>

Lili Almeida - <https://instagram.com/cheflilialmeida>

F. Abrindo e fechando histórias

Os começos têm o poder de abrir a porta do universo da história, os finais fazem a passagem de volta para "o mundo aqui de baixo". É possível e desejável escolher o modo dessa passagem: lento ou abrupto, surpreendente ou engraçado, reticente ou definitivo. É um importante ingrediente da situação de contar uma história, e o conhecimento de muitos começos e finais faz parte do trabalho criador de quem conta histórias. (MACHADO, 2004, p. 76)

Acervo pessoal de começos e finais coletados:

Abram as portas

abram as janelas

acendam as velas

pra iluminar.

Tindo le le

ile se faço assim

essa história já vai começar.

(Leandro Medina)

Eu vou te contar uma história,

agora atenção,

que começa aqui no meio

da palma da sua mão.

Bem no meio tem uma linha,

ligada ao coração,

que sabia dessa história

antes mesmo da canção.

(Cantiga Uma História, Palavra Cantada)

Era uma vez, uma era

Era uma, era duas, era três

E o mundo inteiro se fez

E agora tudo outra vez.

Era outra vez, uma era

Era uma, era duas, era três

E o mundo inteiro se fez

E agora tudo de uma vez.

(Paulo Tatit e Zé Tatit)

As histórias que estão acontecendo

e as que vão acontecer

são as mesmas histórias

já acontecidas um dia.

(O adivinho e as histórias que sempre se repetem. *Ifá, o adivinho* - Reginaldo Prandi)

Kwasukasukela

(Tradição de história oral Nguni ⁵)

Yre' nse se, nse se o

(Ashanti. Tradução: Não queremos dizer, não queremos dizer que o que vamos contar agora é verdade. É apenas uma história, uma história; Deixe-a ir e vir .⁶)

Num lugar muito distante...

que poderia ser aqui.

E num tempo tão incerto

que poderia ser agora...

(*Mesma nova história* - Everson Bertucci e Mafuane Oliveira)

Era uma vez...

Há muito tempo...

Houve um tempo em que...

Num reino distante...

No princípio...

No passado...

No começo dos tempos...

Antes de tudo, havia...

No tempo em que...

Fulano contou pra ciclano que contou pra beltrano que me contou que...

Diz uma lenda que...

Dizem que...

Contam que...

Nos primeiros tempos, quando nossos antepassados surgiram, ...

FIM!

E viveram felizes para sempre!

Cos Cos Yaphela.

(Tradição de história oral Nguni ⁷)

M'anansesem a metooye yi, se eye de
o, se ennye de o, momfa bi nko, na
momfa bi mmera.

(Ashanti. Tradução: Esta é a minha história
que acabo de contar. Se for doce, ou se não
for doce, leve um pouco para outro lugar e
deixe um pouco voltar para mim. ⁸)

Entrou por uma porta

saiu pela outra

quem quiser

que conte outra

Fui ao moinho

moí a farinha

quem quiser que conte a sua

que eu já contei a minha

(*Ananse tecendo teias na diáspora* - Zélia
Amador de Deus)

Piriri Plim Plim

Essa história chegou ao fim

E uma estrela no céu brilhou

E essa história acabou

⁵ e ⁷ : *Histórias da África* - China Mhlophe.

*KWASUKASUKELA: A Practical Exploration of The Impact of Nguni Oral Storytelling Traditions
on Contemporary Physical Forms of Storytelling for Theatre* - Ntokozo Madlala.

⁶ e ⁸ : *Akan-Ashanti Folk-tales* - Capt. R. S. Rattray e *A story a story* - Gail E. Haley.

G. E uma estrela no céu brilhou



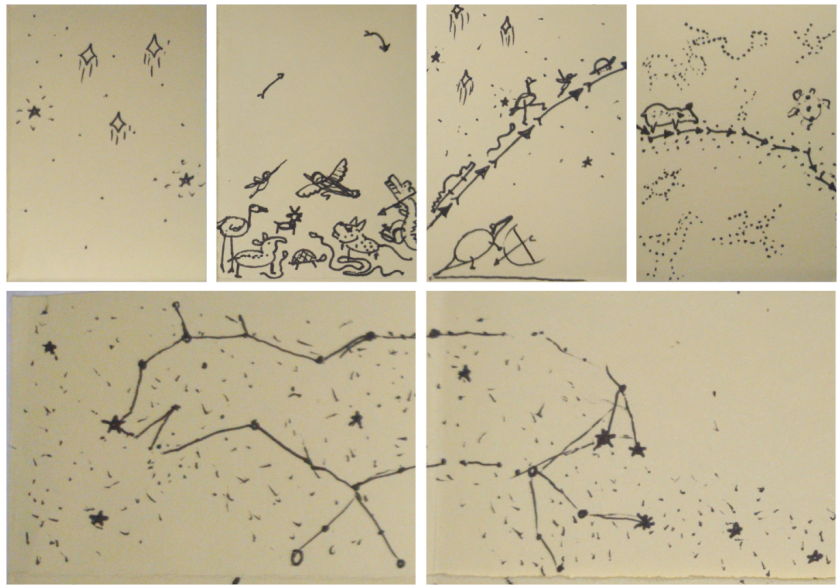
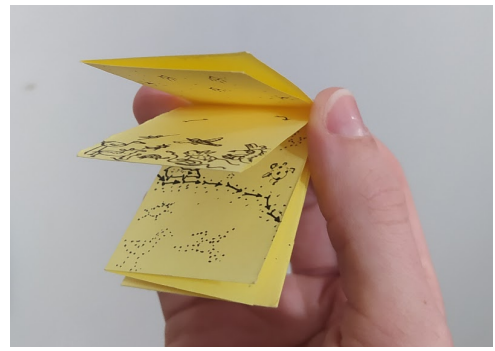
Figuras 44 e 45

As duas mulheres e o céu, furos no manto azulado.
Montagem com sete fotografias e fotografia. (2022, Arquivo pessoal)

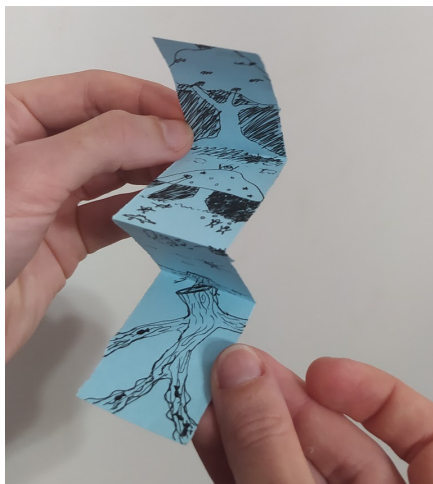


Figuras 46 e 47

Oduvia e a briga dos sete anéis, surgem as galáxias.
Montagem com seis fotografias e fotografia. (2022, Arquivo pessoal)

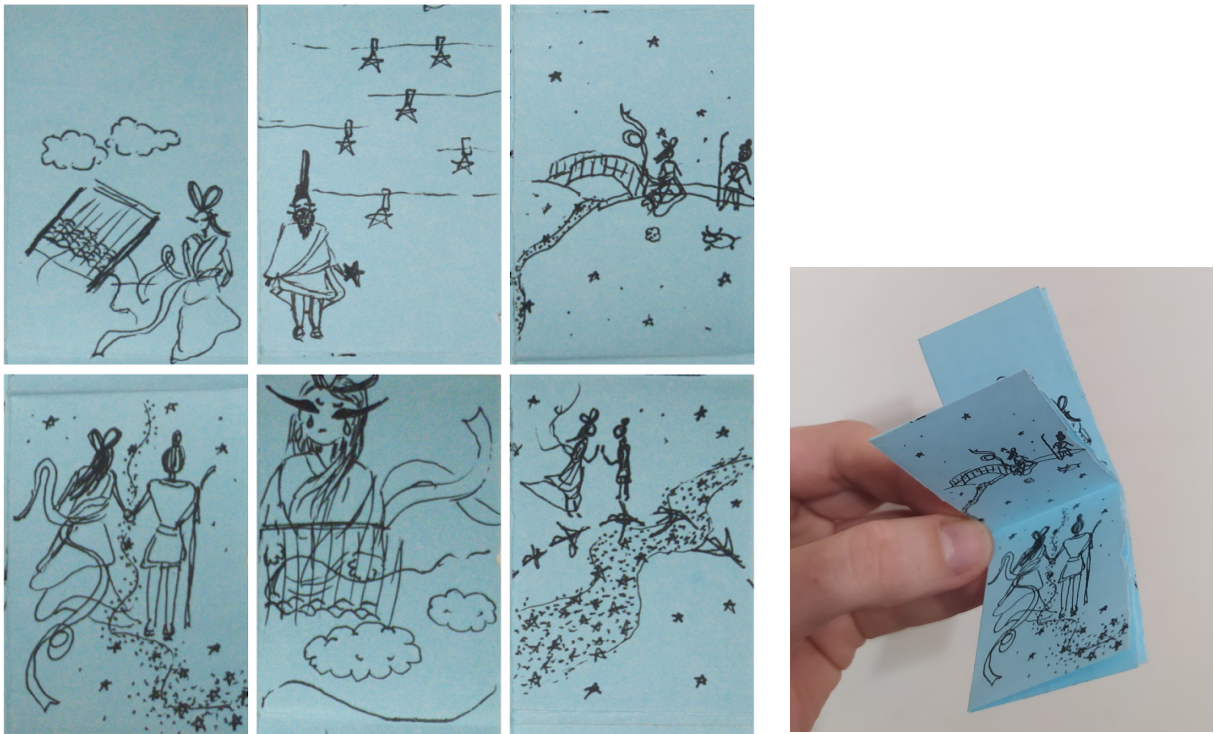


Figuras 48 e 49 O caminho da Anta, aquela mancha esbranquiçada no céu.
Fotografia e montagem com seis fotografias. (2022, Arquivo pessoal)



Figuras 50 e 51

A Samaumeira que escurecia o mundo, os buracos na copa.
Fotografias. (2022, Arquivo pessoal)



Figuras 52 e 53

A princesa tecelã e o vaqueiro, o rio celeste.
Montagem com seis fotografias e fotografia. (2022, Arquivo pessoal)



Figuras 54 e 55

A estrada de estrelas, que vieram da fogueira.
Fotografia e montagem com seis fotografias. (2022, Arquivo pessoal)

